

que vio Europa no seu tempo. Escreveo

Introdução Geografica 3. Tom. O. 1. contem a essencia da Esfera. O 2. os principios Geograficos. O 3. *Questoes Geograficas com hum compendio Mathematico.* Dedicado a D. Francisco Barreto Bispo do Algarve em o anno de 1638. 4. M.S.

Astronomia moderna escrita em o anno de 1637. M. S. fol.

Summa Politica tirada de varios Autores, e dedicada ao Principe D. Filippe. 8.

Negociações das suas Embaxadas. fol. 8. Tom. Esta colleção he digna de grande estimação pella ordem com que está disposta, sendo julgada pela melhor que se tem feito neste genero. Todas estas obras se conservaõ na Livraria de seu Neto Antonio Jozè de Mello, e Torres 3. Conde da Ponte.

Das *Cartas* que escreveo de Inglaterra à cerca do Cazamento da Raynha D. Catherina se compoz.

Relação da forma com que a Magestade delRey de Gram-Bertanha manifestou a seus Reynos tinha ajustado o seu casamento com a Serenissima Infanta de Portugal a Senhora D. Catherina. Lisboa na Officina Craesbeckiana. 1661. 4.

D. FRANCISCO DE MENDANHA naceo no lugar de Taverede junto da foz do rio Mondego em a Provincia da Beyra sendo filho de Joaõ de Mendanha, e Izabel de Azambuja ambos da mais qualificada nobreza de Coimbra, os quaes o mandaraõ educar em caza de seu Avò paterno Francisco de Mendanha assistente naquella Cidade em cujo obsequio lhe foy imposto o nome de Francisco em o bautismo, que conhecendo a boa indole que o Neto tinha para as letras, resolveo fosse estudar à Universidade de Pariz onde sahio eminente em Filosofia, Theologia, e Direito Pontificio em cuja Faculdade se graduou além da noticia das linguas Franceza, e Italiana, que fallava, e escrevia como a materna. Restituído à patria como tivesse seu Avó passado a melhor vida desenganado dos applausos, que lhe podiaõ adquirir as suas grandes letras recebeu o Canonico Habito de Santo Agostinho no Real Convento de Santa Cruz

Tom. II.

a 18. de Janeiro de 1528. e tanto se distinguio na exacta observancia do seu instituto, que o achou digno Fr. Braz de Barros Reformador da Congregação dos Conegos Regulares para que fosse introduzir a Reforma em o Convento Real de S. Vicente de fóra de Lisboa no anno de 1537. onde foy eleyto Prior trienal desta magnifica Caza com beneplacito do Prior mòr D. Fernando de Vasconcellos, e Menezes Bispo de Lamego, que nelle largou o governo. No Capitulo Geral celebrado em o anno de 1551. sahio eleyto Prior Geral, e neste anno assistio como Cancellario da Universidade de Coimbra a o plauzível acto de Mestre em Artes, que recebeu o Senhor D. Antonio filho do Serenissimo Infante D. Luiz. Segunda vez subio ao lugar de Prior Geral sendo eleyto a 7. de Novembro de 1555. em cujo governo alcançou insignes privilegios da Sè Apostolica para a sua Congregação. Querendo satisfazer aos dezejões do Summo Pontifice Paulo III. compoz na lingua Italiana, e a dedicou ao Eminentissimo Antonio Puccio Cardial Presbytero do Titulo dos Santos Quatro coroados Protector da Congregação de Santa Cruz

Descripção do Convento de Santa Cruz. Esta obra foy tradufida por ordem delRey D. Joaõ o III. na lingua Portugueza por D. Verissimo Conego da mesma Congregação, e a mandou imprimir o mesmo Principe em Coimbra no anno de 1540. D. Nicoláo de Santa Maria *Chron. dos Coneg. Reg.* liv. 7. cap. 22. §. 1. lhe chama ao Author *Varaõ de grandes letras, e muy versado na lingua Italiana, e Romana,* e liv. 10. cap. 1. §. 2. *Varaõ muy douto, e de vida muito exemplar.*

FRANCISCO MENDES DE VASCONCELLOS insigne Poeta, que floreceo no Reynado delRey D. Manoel de cujas obras se lè alguma parte no *Cãcionero Geral de Garcia de Resende.* Lisboa por Hernando de Campos. 1516. fol. a fol. 197.

P. FRANCISCO DE MENDANÇA chamado no Seculo D. Francisco da Costa naceo em Lisboa onde fóraõ seus

Cc ii

Proge-

Progenitores D. Alvarô da Costa Armeiro mór delRey D. Sebastião, e D. Leonor de Souza filha de Fernão Alvares de Souza Senhor da Labruja, e D. Brites de Souza. Applicou-se ao estudo das letras humanas em o Collegio patrio de Santo Antão, e tal foy o affecto que concebeo ao Instituto dos Padres Jesuitas de quem recebia a doutrina, que para conseguir o intento de ser seu companheiro ao qual fortemente se oppunha seu irmão D. Duarte da Costa, se lançou de huma janella da caza em que estava recluzo, e fugio furtivamente para o Collegio de Santo Antão donde foy receber a Roupeta em o de Coimbra a 28. de Julho de 1587. quando contava quatorze annos de idade. Como era dotado de agudo engenho, penetrante comprehensão, e feliz memoria sahio elegante Poeta, eloquente Orador, profundo Theologo, insigne Escriuario, e hum dos mais celebres Declamadores Evangelicos do seu tempo. Ensinou com applauso pelo espaço de sete annos letras humanas nos Collegios de Lisboa, e Coimbra onde tambem dictou Filosofia. Em a Universidade de Evora recebeu as insignias doutoraes da Theologia a 10. de Mayo de 1607. sendo seu padrinho D. Antonio de Menezes Senhor de Alconchel marido de D. Cecilia de Mendoga, sua parenta, em cujo obsequio mudou o apellido de Costa, em Mendoga. Nesta famosa Academia foy Lente da Sagrada Escritura em cujo magisterio descubrio as vastas noticias, que com indefesso estudo tinha alcançado das letras Sagradas. Governou os Collegios de Coimbra, e Evora com summa prudencia pela qual foy eleyto no anno de 1625. Procurador Geral desta Provincia à Corte de Roma, onde deixou immortal memoria do seu nome assim pela eloquente energia com que prégava, como pela observancia religiosa com que se fazia exemplar dos seus companheiros afirmando o Geral Mucio Viteleschi que era igualmente insigne na especulação das sciencias, como na practica das virtudes. Acompanhado do P. Francisco Freyre partito de Roma, e depois de visitar com ternissima piedade o Sanctuario da Caza do Loreto, atravessados os Alpes entrou

em Leaõ de França, onde recolhido ao Collegio da Santissima Trindade dos Padres Jesuitas enfermou taõ gravemete, que sendo inuteis todos os remedios applicados pela medicina pedio o Sagrado Viatico que recebeo com excessiva ternura fóra da cama em que jazia sustentado em os braços de seus Irmãos. Pouco antes de espirar pedio que lhe lessem a Paixaõ escrita por S. Joaõ mandando suspender a lição em alguns passos que attento contemplava, e compungido reflectia até que o seu innocente espirito se dezatou da prizaõ do corpo para gozar da patria celeste a 3. de Junho de 1626. Foy universalmente sentida a sua morte a cujo funeral concorreo obsequiosa a Cidade, e Universidade de Leaõ beijando-lhe a mão, e levando parte das suas alfayas em final do respeito devido à sua memoria. O Cadaver estava cuberto de flores como symbolos das religiosas virtudes, que vigilantemente cultivara. Para se gravar sobre a sua sepultura escreveu a elevada Musa do P. Francisco de Macedo o seguinte Epitafio.

Siste hospes. Jacet hic Mendoga. Quis ille? requiris

Accipe. Erit merces hæc satis ampla moræ.

Hic patria Lusus. Genus alta è stirpe. Latino

Tullius eloquio. Carmine Virgilius.

Vifus Aristoteles Sophia. Documenta salutis

Dum dedit Os aureum dictus, & Ambrosius.

Scriptura Hieronymus. Pastor bonus arte regendi

Doctrina quantus Laurea parta docet.

Et pius in superos, & moribus integer.

Idemque

His titulis tantus, spe quoque maior erat.

Ex illo Regum monumenta, & Fama supersunt.

Præterea Cinis est, & dolor heu! Patriæ.

Foy taõ illustre em a nobreza do sangue como insigne no abatimento da pessoa aborrecendo com excessõ toda a practica em que se fallava do esplendor da sua origem, e unicamente estimando o

exerci-

exercício dos Offícios mais humildes da Comunidade. Observava tão exactamente as regras do seu Instituto, que nunca violou a menor circumstancia dos seus preceitos. Tinha por delicia o obedecer, e por tormento o mandar. Igualmente era parco em o comer, como em o dormir fervendo-lhe de descanso a continua applicação ao estudo que somente interrompia com os actos de Religioso. Todas as suas acçoens eraõ reguladas pela modestia com a qual mudamente emendava defeitos, reprehendia excessos. Ora-va com tanto fervor, que as lagrimas que derramavaõ os olhos eraõ claras testemunhas do activo incendio, que lhe abrazava o coração. Quotidianamente se açoutava com grande rigor, e nunca prégava, que não estivesse cingido com hum aspero cilicio. Com estas armas conservou illesa a flor da castidade, que entre todas as virtudes cultivou com mayor disvelo. Foy devotissimo da Virgem Maria a cujo obsequio dedicava todos os dias varios generos de affectuosas devoçoens. Teve animo heroico para intentar emprezas arduas, genio afavel, e urbano para atrahir os animos mais discordes. Ardia em tão fevorozo zelo da salvação das almas, que repetidas vezes supplicou aos Prelados o mandassem à India para instruir a gentildade que estava tão remota da sua vista. Finalmente foy huma perfeita imagem do estado religioso, e hum animado compendio das sciencias sagradas, e profanas, como publicaraõ diversas penas de gravissimos Escriitores. Nicol. Ant. Bib. Hisp. Tom. 1. pag. 340. col 2. *religiosæ vitæ, multiplicisque eruditionis, atque facundiæ exemplar.* Macedo Propug. Lusit. Gallic. pag. 111. *clarissimus scripturarum interpres.* & pag. 179. *Vivum Sacrarum Litterarum Oraculum,* e na Philip. Portug. cap. 21. pag. 210, *gran Maestro de Escrituras.* Zuleta ad Comment. Epist. D. Jacob. ad cap. 2. *vir maximus.* Cardozo Agiol. Lusit. Tom. 1. pag. 273. no Comment. de 27. de Janeir. Letr. I. *insigne Padre.* Illustrissimo Barzila Despertad. Christian. Tom. 1. *Introd. Exhortat. cap. 6. §. 8. n. 182. Aquel admirable expozitor del libro 1. de*

los Reys. Gaspar dos Reys Franco Camp. Elys. Quæst. 58. n. 12. *doctrina, & virtute præclarus, & eruditione insignis,* e quæst. 38. n. 48. *dotissimus.* Souza Hist. de S. Domingos da Prov. de Portug. Part. 1. liv. 6. cap. 19. *doutissimo* Fr. Joaõ Lahaye na impressão das obras de Santo Antonio imprimio huma Oração do P. Mendoca em louvor deste Thaumaturgo Portuguez, o intitula *Doctorem Theologum insignem.* Joaõ Pinto Ribeiro Lusit. ao Dezemb. do Paço cap. 3. n. 62. *Illustre filho de Santo Ignacio.* D. Fr. Thom. de Faria. Decad. 1. lib. 9. cap. 9. *tum ob virtutum ornamenta, tum ob litterarum eximiam cognitionem, tum denique ob illustrem scribendi methodum.* Macedo Eua, e Aue. Part. 1. cap. 39. n. 4. *doutissimo.* D. Lourenço Graciam Arte de Ingen. Disc. 49. *el Commentador de los Reys yel Rey de los Commentadores,* e Disc. 45. *el grave, el docto, y subtil en sus eruditos Commentarios de los Reyes* Pinto Ramires Comment. in Cant. Cantic. Tropolog. lib. 3. cap. 1. V. 14. *Societatis nostræ columen,* e no Specileg. Sacr. Tract. 1. cap. 7. *in omni litteratura Summum Virum.* Francisco de Sant. Mar. Chron. dos Coneg. Secul. liv. liv. 1. cap. 37. *chamado o Chrisostomo da Companhia, e ainda com mais rezaõ o Expozitor dos Reys, e o Rey dos Expozitores.* Joan. Soar. de Brito Theat. Lusitan. Litter. lit. F. n. 56. *Sacrarum Litterarum Conimbricæ, & Eboræ multos annos cum celebritate professor fuit, sed vitæ Sanctimonia, animi sinceritate, morumque candore multò celebrior* Franc. de Francisc. Dissert. Philolog. de Franc. Litterat. Sect. 3. n. 20. *Poetica & Rhetorica cultura florentissimum docta ejus manu conditum, constitumque viridarium sacræ, & prophane eruditionis.* Bib. Societ. pag. 237. col. 1. *nobilitate generis, omnigena litteratura, morum, vitæque innocentia summis viris par.* D. Franc. Manoel Carta dos Auth. Portug. *illustre em sangue, letras, e virtudes.* Marrac. Bib. Mariana. Part. 1. pag. 423. *divinæ, humanæque sapientiæ supra hominem peritus.* Franco Imag. da Virtude em o Nov. de Coimbra. Tom. 1. liv. 2. cap. 83. *sapientissimo.*

pietissimo Doutor, e no Tom 2. pag. 617. *Homem em tudo grande*, e no *Ann. Glor. S. J. in Lust.* pag. 305. *in studendo vir fuit omnino indefessus.* & in *Annal S. J. in Lusit* pag. 245. *splendissimum non solum hujus Provinciae, sed etiam totius Societatis lumen.* Fonseca Evor. *Glorios.* pag. 430. *Illustrissimo no sangue, e mais nas virtudes, e letras.* Jacob. Lelong. *Bib. Sacra* pag. mihi 858. col. 1. P. Antonio dos Reys *Enthus. Poet.* n. 225.

*Stat super elatus folio Mendocius ille
Quem Lysiae Matri raptum dedit im-
proba Celtis*

*Mors: socii lacrymis irrorant grandi-
bus ora*

*Lugdunumque vocant defuncti corpore
felix*

*Ter quater, & Nymphas Rhodani de-
gurgite quisque*

*Admonet excitas, ut curvo in littore
magnis*

*Pro meritis tumulum conspergant flo-
ribus.* Compoz

*Comentariorum, ac discursuum morali-
um in Regum libros Tomi tres varia, ac
jucunda eruditione, nec non discursibus
moralibus ad omnem concionum materiam
utilissimis luculenter instructi.* Tom. 1. Conimbricæ apud Didacum Gomez de Loureiro Acad. Typ. 1621. fol. Lugduni apud Jacobum Cardon 1622. fol. Coloniae apud Petrum Henningium 1634. fol. Lugduni Sumptibus Grabiell Boissat, & Sociorum 1636. fol.

Commentarior. &c. Tom. 2. Ulyssipone apud Petrum Crasbeeck. 1624. fol. Lugduni apud Jacobum Cardon. 1625. fol. Coloniae apud Petrum Henningium 1634. fol. & Lugd. apud Gabrielem Boissat, et soc. 1637. fol.

Commentariorum, &c. Tom. 3. Lugduni apud Jacobum Cardon 1631. fol. Coloniae apud Petrum Henningium 1633. fol. & Lugduni Sumptibus Gabrielis Boissat & Socior. 1637. fol.

*Viridarium Sacrae & profanae erudi-
tionis.* Lugduni apud Jacobum Cardon 1632. fol. Coloniae apud Petrum Henningium 1633. fol. & ibi 1650. 8. Lugduni apud Laurentium Anisson 1645. & ibi per eundem Typog. 1649. Coloniae

Agrippinae apud viduam Joannis Schlebisch. 1733. 8.

Primeira Parte dos Sermoens. Nella se contem os Sermoens dos Santos, Tempos do Advento, Quaresma, e outras Domingas do anno, e da Santa Cruzada. Lisboa por Mathias Rodrigues 1632. fol.

Segunda Parte dos Sermoens. Contem os Sermoens da Eucharistia, da Virgem Mãe de Deos, dos Patriarchas das Religioens, e outros muitos Santos, e Santas, dos Defuntos, e outros varios. Lisboa por Lourenço de Anvers. 1649. fol.

Estes dous Volumes sahiraõ traduzidos em Castelhana por Fr. Francisco Palau da Ordem dos Pregadores. Barcelona por Pedro de la Cavalleria 1636. 4.

Sermaõ em huma grande Seca em Evora no Collegio da Companhia, e patente o Sanctuario das Sagradas Reliquias na Dominga da Paschoela em 29. de Abril de 1612. Evora por Francisco Simoens 1612. 4.

Sermaõ na Solemne Procissãõ, que ordenou a Universidade de Evora pelo sacrilego roubo do Santissimo Sacramento na Cidade do Porto em 9. de Mayo de 1614. Evora pelo dito Impressor 1614. 4.

Sermaõ no Auto publico da Fè que se celebrou na Praça da Cidade de Evora em 8. de Junho de 1616. Evora pelo dito Impressor. 1616. 4.

Sermaõ do Aõto da Fè em Coimbra a 25. de Novembro de 1618. Coimbra por Diogo Gomez de Loureiro 1619. 4. e Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1619.

Sermoens de S. Sebastião, e do B. Luiz Gonzaga, que sahiraõ impressos na primeira Parte dos seus Sermoens os traduzio em Castelhana o Doutor Estevaõ de Aguiar, e Zuniga, e se publicaraõ no 2. Tomo da *Laurea Portugueza.* Madrid por Antonio Garcia de la Iglesia. 1679. 4.

Praõticas domesticas. Este tomo M. S. se conserva na Caza Professa de S. Roque onde o vio o Padre Antonio Franco como escreve no 2. Tom. da *Imag. da Virtud.* em o Nov. de Coimb. pag. 617.

Commentaria in Genesim. 3. Tom. fol.

De Regulis Sacrae Scripturae. fol.

Estas obras se guardaõ M. S. com grande estimaçaõ em o Collegio de Evora dos PP. Jesuitas.

Fr. FRANCISCO DE MENESES Religiofo Profeffo da Serafica Ordem dos Menores onde fe distinguio entre os feus domesticos em a aprofunda noticia das letras humanas , principalmente dos preceitos da Gramatica Latina escrevendo com grande erudição , e naõ menor clareza.

Difficilium accentuum compendium. Parisiis apud Stephanum Robertum. 1527. 8.

Defta obra como do feu Author fazem memoria o Padre Philippe Labe Jeſuita in *Leçtore erudito ad Mensam.* Wadingo do *Script. Ord. Min.* pag. 125. col. 1. Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 342. col. 2. e Martin. Lipen. *Bib. Realis Philosoph.* Tom. 1. pag. 7. col. 2.

D. FRANCISCO DE MENESES natural da Cidade do Porto , e filho de D. Fradique de Menezes , e D. Izabel Henriques filha de Fernão Nunes Barreto Senhor dos Coutos de Freiris , e Penagate , e D. Maria Henriques , e irmão de D. Affonso de Menezes , Senhor da Ponte da barca , e Mestre Sala del Rey D. Joaõ o IV. Aplicou-se na Universidade de Coimbra ao estudo da Sagrada Theologia em que tanto se adiantou o feu vivo engenho que recebida a borla Doutoral em taõ sublime Faculdade foy Conduçtario com privilegios de Lente a 21. de Outubro de 1633. Depois de fer Conego Magiftral da Sè de Evora de que tomou posse a 21. de Novembro de 1636. passou a fer Deputado da Junta dos Tres Estados. Teve grande noticia das Familias principais deste Reyno merecendo pela verdade , e exaçaõ com que escreveo fer venerado por hum dos milhores Genealogiftas , e como tal o numera o P. D. Antonio Caetano de Souza *Aparat. à Hist. Gen. da Caf. Real Portug.* pag. 120. 2. 130. Naõ teve menor genio para o Pulpito onde foy ouvido com geral aclamação dos Academicos de Coimbra , que igualmente o admiravaõ na Cadeira. Falleceo no anno de 1680. Publicou

Sermaõ prègado na Sè de Coimbra a 3. de Dezembro na felice aclamação , que o Cabbido , e Cidade fizeram a Sua Magesta-

de. Lisboa por Paulo Craesbeeck. 1641. 4.

Nobiliario das Familias de Portugal 5. Tom. fol. que deixou a feu Sobrinho D. Jozè de Menezes Arcebispo de Braga taõ insigne em letras , como em virtudes pastoraes

Dialogo entre D. Andre de Almada , e D. Diogo de Lima feu Sobrinho à cerca do modo , com que se deve haver em Coimbra com Freiras. M. S. Conserva-se na Bibliotheca do Cardeal de Souza.

FRANCISCO DE MESQUITA Secretario do Senhor D. Alexandre Irmão do Serenissimo Rey D. Joaõ o IV. escreveo com estylo corrente

Relaçã do cazamento do Serenissimo Duque de Bragança D. Joaõ com a Senhora D. Luiza Francisca de Gusmaõ. M. S. Da obra , e do Author faz memoria Joaõ Franco Barreto *Bib. Portug.* M. S.

Fr. FRANCISCO MEXIA natural da Cidade de Elvas da Provincia do Alentejo , Religiofo profefso da Illustre Ordem dos Prègadores , e hum dos celebres Letrados da Escola Thomistica como escreve Fr. Pedro Monteiro *Claustr. Domin.* Tom. 3. pag. 220. Compoz

Ordo , & methodus partium Sancti Thomæ , & omnium partium resolutio. Ulyssipone apud Petrum Craesbeeck. 1618. 4.

FRANCISCO MILLIS DE MACEDO naceo em Lisboa a 20. de Outubro de 1650. onde teve por Pays a Luiz de Pina Caldas , e D. Anna Maria Millis irmãa do Doutor Joaõ Millis de Macedo Dezembargador da Casa da Supplicação , e Enviado à Corte de Inglaterra. Havendo aprendido os primeiros rudimentos na Patria passou á Universidade de Coimbra onde applicado ao estudo de Jurisprudencia Cesarea fez taes progressos o feu agudo engenho que recebendo o grão de Bacharel na mesma Faculdade se restituhio à Corte , e nella exercitou o officio de Patrono de Causas Forenses com tanto credito , e applauso das suas profundas letras que ainda permanece entre os mayores Profef-

Professores de hum, e outro Direito a memoria do seu nome. Nunca allegou Author, que não fosse primeiramente examinado pela sua incansavel diligencia verificando com este exame a rectidão com que uzava das suas doutrinas para confirmar as opinioens que seguia. Como era amante da verdade, e inimigo do interesse sempre patrocinou os letigios em que era manifesta a justiça. Foy ornado de natural brandura, e afabilidade assim para as pessoas da primeira Jerarchia, como da infima classe. Todos os Domingos frequentava o Sacramento da Penitencia em a Congregaçã do Oratorio sendo director da sua consciencia aquelle grande Mestre de espirito o P. Manoel Bernardes de quem se fará larga memoria em seu lugar. Cheyo igualmente de virtudes como de annos morreo em Lisboa a 24. de Dezembro de 1721. sendo sepultado na Parochial Igreja de N. Senhora dos Anjos a cujo Funeral assistio a Nobreza da Corte. Foy cazado com D. Jozefa Maria de Magalhaens de quem deixou successão. Das muitas, e doutas Allegaçoes, que compoz sómente se fez publica a seguinte

Allegação de direito sobre a successão do Titulo, e Estado da Caza de Aveiro, que vagou por falecimento da Excellentissima Senhora D. Maria Guadalupe de Lancaastro a favor de D. Pedro de Lancaastro Conde de Villa-Nova, Cômendador mór de Aviz contra a Excellentissima Senhora Camareira mór, e contra os Excellentissimos Senhores o Marquez Mordomo mór, o Duque de Banhos, e D. Lourenço de Lancaastro, e bem assim contra os Senhores Procuradores da Coroa, e Fazenda. Lisboa por Jozè Lopes Ferreira Impresor da Serenissima Raynha 1719. fol.

FRANCISCO DE MIRANDA HENRIQUES filho de Francisco de Miranda Henriques Senhor de Ferreiros, e Tendaes, e de D. Violante Henriques nasceu em a Cidade de Lisboa, e frequentou a Universidade de Coimbra onde graduado na Faculdade de Direito Pontificio occupou pela sua grande sciencia, e summa integridade os lugares de Inquisidor de Evora, Deputado da Inquisição de Lis-

boa, Prior da Igreja de S. Martinho da mesma Cidade, Conego da Collegiada de Santarem, Dezembargador do Paço, e Chanceller mór do Reyno. Sendo eleyto no anno de 1662. Bispo da Cidade de Viseu regeitou esta dignidade como superior aos seus merecimentos. Falleceo em Lisboa a 16. de Outubro de 1678. e jaz enterrado na Igreja de S. Francisco da Cidade. Deixou no seu Testamento de que foy Testamenteiro Garcia de Mello Monteiro mór do Reyno hum grande legado à Santa Casa da Misericordia em que eternizou a sua religiosa magnificencia. Delle fazem memoria Fr. Pedro Monteiro *Cathal. dos Deput. de Lisboa.* 2. 87. e no *Cathalog. dos Inquisidores de Evora.* 2. 42. e o P. Joã Col. *Cathalog. dos Bisp. de Viseu.* Escreveo

Vida, e morte da Madre Soror Violante de JESU Maria composta em Lisboa no anno de 1658. 4. M. S. Foy esta Religiosa sobrinha do Author, e Dama da Serenissima Rainha D. Luiza Francisca de Gusmaõ a qual deixando o Paço se recolheo no Convento da Madre de Deos situado fóra dos muros de Lisboa. Tinha nacido a 19 de Dezembro de 1636. e falleceo piamente a 6. de Julho de 1657. Foy ornada de grande juizo, e muito observante do seu Instituto Serafico. Consta a vida de dous livros, que comprehendem vinte e sete Capítulos largos; esta escrita com bom estilo, e della se conserva huma copia na Livraria dos Padres Theatinos desta Corte, e huma em a do Excellentissimo Conde de Vimieiro.

Fr. FRANCISCO DE MONTE ALVERNE chamado no seculo Francisco Correa Baharem, naceo em Lisboa sendo filho segundo de Simaõ Correa Baharem, que duas vezes passou a Africa com ElRey D. Sebastião, e na ultima perdeo a liberdade, Commendador de S. Bartholameu de Alfange em Santarem da Ordem de Christo, e de sua segunda mulher D. Paula Rebello. Estudou em a Universidade de Coimbra Direito Pontificio com tanta applicação, que depois de receber o grão de Licenciado nesta Faculdade foy provido em o lugar de De-

putado da Inquisição de Evora de que tomou posse a 16. de Mayo de 1620. Penetrado de heroico desengano deixou todas as esperanças, que lhe prometiaõ a nobreza do nascimento, e a vastidaõ da litteratura recebeu o austero habito de S. Francisco em o Convento de Santo Antonio dos Capuchos de Lisboa a 16. de Janeiro de 1622. dictando Theologia em o Collegio da Pedreira em Coimbra de cuja Faculdade foy seu sucessor o insigne Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo. Como era ornado de summa prudencia exercitou com geral aceitaçaõ os lugares de Guardiaõ do Collegio de Coimbra, Custodio da sua Provincia, e Visitador do Convento de Santa Maria de Enxobregas Cabeça da Provincia Serafica dos Algarves. Teve consumada noticia do Direito Pontificio, Sagrada Theologia, Historia Secular, e da Genealogia. Cheyo mais de virtuosas açoens, que de annos falleceo piamente em o Convento de Santo Antonio da Merciana em 5. de Março de 1651. O seu corpo se conserva incorrupto. Delle se lembraõ Nicol. Ant. Bib. Hisp. Tom. 1. pag. 343. col. 2. Franckenau Bib. Hisp. Hist. Gen. pag. 136. Fr. Pedro Mont. Cathal. dos Deput. de Evor. 2. 36. Pereira Leal. Disc. Apolog. Crit. do Coll. de S. Ped. cap. 5. 2. 1. pag. 334. e Fr. Mart. do Amor Div. Chron. da Prov. de Sant. Ant. Tom. 1. liv. 1. cap. 19. n. 234. e 235. Compoz.

Da Monarchia de Roma em Tres Estados Reyno, Imperio, e Republica. fol. M. S.

Da Nobreza de Portugal. M. S. Desta obra faz memoria D. Antonio Caet. de Souza Advert. e Addic. aos Auth. Geneal. sahiraõ no fim do Tom. 8. da Hist. Gen. da Caza Real Portug. pag. 15. n. 16.

Cõmentaria Philosophica juxta mentem Scoti. M. S.

Obra espirital. Conservavase em poder de D. Antonio de Alcaçova.

FRANCISCO DE MORAES nasceu em a Cidade de Bragança em a Provincia Transmontana sendo filho do Doutor Alvaro de Moraes, e Tio pela ma-
Tom. II.

terna do P. Balthazar Telles celebre Filosofo, e Chronista da Companhia de JESUS. A natureza lhe concedeo nascimento nobre como engenho perspicaz com o qual se fez pela continua applicaõ aos livros estimado dos mais insignes professores de letras, que venerava aquella idade. Foy Poeta elegante, e Historiador discreto. Assistio em Pariz com o Embaxador desta Coroa D. Francisco de Noronha segundo Conde de Linhares, e Mordomo mór da Rainha D. Catherina, mulher del Rey D. Joaõ o III. quando governava a Monarchia Franceza Francisco 1. sendo digno de vida mais prolongada foy violentamente privado della à porta do rocio da Cidade de Evora em o anno de 1572. onde a Corte estava. Compoz.

Primeira, e segunda parte do Palmeirim de Inglaterra. Dedicada à Infanta D. Maria. Evora por Andre de Burgos 1567. fol. Sahio vertido em a lingua Franceza. Pariz. 1574. 8. Manoel de Faria, e Souza. Coment. às Rim. de Cam. Tom. 4. pag. 102. fallando desta obra: puede servir de magisterio a los que quizieren escribir una historia verdadera. O P. Balthazar Telles Hist. da Etiop. Alt. liv. 1. cap. 1. No seu muy celebrado, e fabuloso Palmeirim de Inglaterra porque este Author com a amenidade do seu florido engenho, e com a suavidade do seu elegante estilo sò pertendeo recrear os leitores com fabulas doudas, e com fiçoens engenhosas. Miguel de Cervantes Historia de D. Quixote liv. 1. cap. 6. essa Palma de Inglaterra se guarde, y se conserve como a cosa unica, y se haga para ello otra caja, como la que hallò Alexandro en los despojos de Dario, que la dispuzo para guardar en ella las obras del Poeta Homero.

De los valerosos, y esforçados hechos en armas de Primaleon hijo del Emperador Palmerim, y de su hermano Polendos, y de D. Duarte Princepe de Inglaterra. Lisboa por Simaõ Lopes 1598. fol.

Dialogos em hum desengano de amor sobre certos amores, que teve em França com huma Dama da Rainha D. Leonor. Evora por Manoel Coelho 1624. 8.

Dd Tres

posterior

XXX

Y. Castel Anty

Infante

da

arva

2º erro!

Tres Dialogos em que são Interlocutores do 1. hum Fidalgo, e hum Escudeiro: do 2. hum Cavalheiro, e hum Doutor; e do 3. huma regateira, e hum moço da Estribeira. O estilo desta obra he imitado de Francisco de Sá, e Miranda, e Bernardim Ribeyro, o qual muito louva o insigne antiquario Manoel Severim de Faria *Disc. Var. pag. 81. vers.*

Relação das Festas, que ElRey de França Francisco 1. fez nas vodas do Duque de Cleves, e a Princeza de Navarra no anno de 1541.

Relação das Exequias, e enterramento delRey D. Francisco 1. no anno de 1546.

Relação dos Torneyos do Principe em Xabregas a 5. de Agosto de 1550.

FRANCISCO MORAES DURANTE celebre Poeta assim lyrico, como heroico de que he claro testemunho.

Elegia à morte de Jorge de Monte mayor. Sahio impressa com outras Poemas na *Diana* daquelle Author. *Elegante* intitula a esta Elegia Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 413. col. 2.

FRANCISCO DE MORAES SARDINHA filho do Doutor Alvaro de Moraes, e neto de Manoel Sardinha naceo em Villa-viçosa onde floreceo em todo o genero de erudição sendo insigne Poeta, e muito versado na Mythologia, e lição da Historia. Foy Cavalleiro Professo da Ordem de Christo, e Comendador de huma Comenda, que lhe deo o Serenissimo Duque de Bragança D. Theodosio 2. Para eternizar as glorias da sua patria escreveu no anno de 1618.

Famoso, e antiquissimo Parnasso novamente achado, e descoberto em Villa-Viçosa de que he Apollo o Excellentissimo Principe D. Theodozio 2. deste nome Condestabre destes Reynos de Portugal, Duque de Bragança, e de Barcellos; e dos Varoens illustres, que nella naceraõ, e floreceraõ em armas, em letras, e Poemas com outras muitas couzas a proposito no discurso deste livro.

Nesta obra cujo Original conserva meu Irmaõ D. Jozè Barboza Clerigo Regu-

lar, e Chronista da Serenissima Casa de Bragança, estaõ no liv. 3. fol. 5. seis Sonetos, hum Mote glossado, hum Romance, e duas Cançoens do Author que acaba com o seguinte Soneto

*Depois de tantos annos de cançado
De sustentar de Amor a dura guerra
Estou colhendo as flores desta Serra,
Que o falso amor, e o tempo tem criado,
Afligemme as memorias do passado,
Enum profundo silencio me encerra
Ter á vista o mal, que me desterra
Do bem do poder ser recuperado.
Vayse a vida por tempos, e por annos
Consumindo segundo lhe acontece
Hora bem assi, hora mal passando:
Passase a triste vida com enganõs,
E quanto mais de espaço se adormece
He para se acordar seja chorando.*

Nesta obra confessa ter composto outra intitulada

Do espantoso Cavalleiro da Luz.

FRANCISCO MORATO ROMA Cavalleiro Professo da Ordem de Christo, Familiar do Santo Officio naceo em a Villa de Castello de Vide da Provincia Translagana a 4. de Outubro de 1588. onde teve por Pays a Joaõ Morato, e Maria Callada Roma. Estudou Filosofia em a Cidade de Evora, e Medicina em a de Coimbra sendo estas duas famosas Academias expectadoras do seu vivo engenho, e admiravel talento, com que comprehendeo as dificuldades, e penetrou os arcanos de huma, e outra Faculdade. Acabada a carreira dos seus estudos o chamou no anno de 1619. para seu Medico o Serenissimo Duque de Bragança D. Theodosio 2. e com a mesma occupaõ passou para Lisboa no anno de 1640. acompanhando a ElRey D. Joaõ o IV. A discreta conversação, e natural graça de que era dotado divertia muito aos enfermos que visitava concorrendo igualmente as suas palavras, e os seus medicamentos para alivio das molestias, que padeciaõ. Morreo em Lisboa na provecida idade de 80. annos. O P. Manoel Luiz Vit. Princip. *Theod.* lib. 1. cap. 3. n. 14. o intitula *medicæ artis peritissimus.* e lib. 2. cap. 2. n. 11. *Insignis artis medicæ professor.* Compoz

Obser-

Observação do achaque, que Sua Magestade teve em Salvaterra de que livrou milagrosamente, Lisboa 1655. 4.

Luz da Medicina practica, racional, e methodica, guia de enfermeiros dividida em 3. partes. Na 1. se mostra a ordem, e modo, que se deve guardar na cura dos enfermos. Na segunda summamim attinguntur os remedios particulares com que se deve acodir a cada hum dos achaques do corpo humano. 3. agit dos achaques particulares das mulheres. Additur Tractatus de febribus simplicibus, putridis, malignis, & pestilentibus. Lisboa por Henrique Valente de Oliveira 1664. 4. & ibi por Antonio Craesbeeck. de Mello. 1672. 4. e Coimbra por João Antunes 1700. 4. & ibi no Real Collegio das Artes 1726. 4. acrescentado com varios remedios de Cirurgia, e recopilado do thezouro dos pobres com o titulo seguinte

Luz de Medicina pratica, racional, e methodica; guia de enfermeiros, directorio de principiantes, e summario de remedios para poder acudir, e remediar os achaques do corpo humano começando do mais alto da cabeça até o mais baixo das plantas dos pés.

Sentimentos de D. Pedro, e D. Ignes de Castro 1. e 2. Parte. Constaõ de 140. Outavas. Desta obra que sahio no primeiro Tom. da Fenix Renacid. desde pag. 92. até 139. Lisboa por Jozè Lopes Ferreira 1716. 8. faz Author a Francisco Morato Roma o P. Antonio dos Reys Enthus. Poet. n. 125.

..... Roma cadentem

Qualiter Agnetem Petrus defleverit
augens

Flumineos Latices Lacrimarum rore,
canebat.

D. FRANCISCO DE MOURA illustre por nascimento, insigne por talento, e venerado pela Poetica, e Oratoria, de cujas artes foy estudioso cultor em o Collegio Romano dos Padres Jesuitas onde recitou a seguinte Oração com applauzo de toda a Curia.

Iris Lusitana, sive de Sanctæ Elisabethæ Reginae Laudibus. Oratio habita in aula maxima Collegii Romani S. J. Romæ Typis Francisci Corbelleti. 1626. 4.

Tom. II.

Poesia em applauzo do Doutor Antonio Ferreira. Sahio impressa no principio dos seus Poemas Lusitanos. Lisboa por Pedro Craesbeeck. 1598. 4.

Fr FRANCISCO DA NATIVIDADE Religioso Menor da Serafica Provincia de Portugal, donde estudadas aa sciencias severas em que fez não pequenos progressos o seu engenho como mostrou sendo Lente de Theologia, partito para a India, e no Convento de Goa da Custodia de S. Thomè dictou aos seus domesticos Filosofia, que dividida em 2. Tomos se conserva na Livraria do Convento de S. Francisco juntamente com o

Itinerario da India Oriental dividido em quatro partes das quaes unicamente existe na dita Livraria a 2. Parte e nella se lem ao principio as seguintes palavras. Tenho feito a 1. e 2. Parte do nosso Itinerario, e cheguei com a segunda até Barcelona: resta fazer a 3. que será com o divino favor de Barcelona até Madrid, e Lisboa, e de como me embarquei para a India, e arribei outra vez a Portugal, e a 4. será depois da arribada a Lisboa até a India por terra querendo Deos. Vivia pellos annos de 1611. como consta do Capitul. 1. da 2. P. do seu Itinerario affirmando assistir em Marselha em a noute de Natal do referido anno.

Fr. FRANCISCO DA NATIVIDADE Naceo em a Villa do Torraõ da Provincia Trãstágana, e recebeu o Habito de Eremita de S. Paulo no Convento de Montes Claros, onde pela applicação, que fez nos estudos sahio insigne Prêgador, e pela observancia dos Estatutos exemplar Religioso sendo no habito pobre, nas acçoens moderado, e na conversação afavel. A mayor parte da vida passou exercitando os lugares a que o elevava o seu merecimento, e não pertendera a sua modestia sendo na sua Congregação Reytor dos Conventos de Elvas, Serra de Ossa, e Collegio de Evora, Definiador quatro vezes, tres Visitador, huma Vigario Geral, tres Provincial, e em tantas Prelasias unio a severidade com a brandura, e a prudencia com a benignidade. O seu mayor disvelo consistia em o

Dd ij

culto

culto divino não dissimulando o menor descuido na practica das ceremonias Ecclesiasticas, e para que estas se executassem com a perfeição necessaria escreveu

Ordinario, e Ceremonial da Ordem segundo o uzo Romano das Missas, e Officios Divinos, e de outras cousas necessarias da Ordem de Nosso Padre S. Paulo primeiro Ermitão, e antiguidades da mesma Ordem. Lisboa por Pedro Craesbeeck. 1615. 4.

Falleceu no Convento da Serra de Ossa com evidentes sinaes de Predestinado quando contava 64. annos de idade, e 46. de Religião a 10. de Junho de 1626. como relata o livro dos Obitos daquelle Convento supposto, que o Licenciado Jorge Cardozo *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 776. tratando delle a 21. de Junho escreve que morrera neste dia.

Fr. FRANCISCO DA NATIVIDADE Naceo em Lisboa onde recebeu a graça bautismal na Parochia de S. Juliaõ a 10. de Outubro de 1635. sendo filho de Matheos de Castro, e Maria Luiz. Quando estava na florente idade de 18. annos professou o Sagrado Instituto da Terceira Ordem da Penitencia do Serafico Patriarcha em o Convento de Nossa Senhora de JESUS da sua patria a 8. de Setembro de 1653. Ouvio Filosofia no Convento do Mogadouro, e Theologia em o Collegio de S. Pedro de Coimbra, cujas Faculdades dictou em o mesmo Collegio, e no Convento de Lisboa com grande credito da sua litteratura, que se fez mais conhecida quando era consultado nas duvidas pertencentes à Theologia Moral que promptamente resolvia apontando os Authores, que as tratavaõ, causando mayor espanto citar os Capitulos, os numeros, e as paginas dos livros em que estava a decisaõ da materia em que era preguntado. Foy Examinador das Tres Ordens Militares, Ministro dos Conventos do Mogadouro, e de Lisboa, Definidor, e Custodio da Provincia, e em todas estas occupaõens religiosas se mostrou zeloso, e benevolo. Todo o tempo que lhe restava do officio de Prelado, o consumia no estudo, e na Oraçaõ chegando a ser intitulado pela

modestia do semblante o *Beato*. Morreo no Convento patrio a 6. de Dezembro de 1691. do qual faz honorifica mençaõ o P. Antonio Carvalho da Costa *Corog. Portug.* Tom 3. pag. 500. Compoz.

Nilo Moral. fol. M. S. Constava de todas as Materias de Theologia Moral.

Doutrina Christã, e avizo de Parochos. 4. M. S.

Perfeito Confessor dividido em tres partes a 1. Perfeito Confessor de Frades. a 2. Perfeito Confessor de Seculares. a 3. Perfeito Confessor da hora da morte. fol. M. S.

Fr. FRANCISCO DA NATIVIDADE chamado antonomasticamente o *Latino* pela perfeição, com que soube este idioma, naceo em Lisboa no anno de 1648. sendo filho de Duarte Ferreira, e Izabel da Costa. Estudou as letras humanas na classe do famoso Mestre Antonio Fernandes de Barros, de quem fizemos mençaõ em seu lugar, e tanto o distinguia dos outros discipulos, que quando se altercava alguma duvida sobre hum ponto gramatical mandava ao seu Gigante (assim o intitula ironicamente por ser de estatura muito pequena) o qual subido a hum banco a decidia com summa viveza, e geral admiraçaõ dos circunstantes. Estes dotes com que a natureza taõ antecipadamente o dotou moveraõ a varias Religioens para o pertender para seu alumno, porèm mereceo esta fortuna a Ordem Carmelitana sendo admitido em o Convento patrio a 2. de Julho de 1661. cujo Instituto professou solemnemente a 22. de Fevereiro de 1664. Applicouse as sciencias severas no Collegio de Coimbra, e tal foy o progresso, que nellas fez a sua penetrante comprehensaõ, e profundo talento, que se resolveo Andre Furtado de Mendoga Reitor da Universidade a que recebesse as insignias doutoraes como prevendo o grande credito, que havia resultar a taõ celebre Academia com este insigne Candidato, cujo intento se não efeituou por ser mandado ler Filosofia no Convento de Moura, e depois a mesma Faculdade, e a de Theologia em o Convento de Lisboa, do qual foy Prior por nomeaçãõ do Reveren-

verendissimo Geral Fr. Angelo Mon-
signani a 8. de Mayo de 1683. orde-
nandolhe fosse defender Conclusoens no
Capitulo geral, que se celebrava em Ro-
ma. Obedeceo promptamente a esta or-
dem, e partindo de Lisboa no anno de
1686. chegou à Curia onde compoz, e
imprimio humas Conclusoens, que com-
prehendião todas as sciencias, que se en-
finaõ em as Universidades constando de
72. paginas de folha divididas em onze
Ceos esmaltados com gravissimas ques-
toens de que trata a Theologia Escho-
lastica, Expositiva, Dogmatica, Moral,
Regular, e Mystica, Juris prudencia
Canonica, e Civil, Medecina, Filo-
sophia, Mathematica, e Musica. Core-
spondeo ao profundo engenho com que foraõ
ideadas a prompta actividade com que
foraõ defendidas aclamando-o todo o nu-
meroso concurso, que foy espectador
deste litterario combate por homem En-
cyclopedico. Neste Capitulo foy eleito
Provincial da Provincia Portugueza cuja
eleiçaõ foy confirmada pela Santidade de
Innocencio XI. no primeiro de Julho de
1686. e no fim deste lugar foy Comissa-
rio, e Visitador Geral da mesma Provin-
cia. Tanta prudencia practicou nestes lu-
gares, que segunda vez foy eleito Pro-
vincial a 20. de Mayo de 1703. e como
no anno seguinte se celebrasse Capitulo
Geral em Roma partio para esta Corte
onde recitou varias Oraçoens latinas em
applauzo da Santidade de Clemente XI.
de quem recebeu especiaes significaçoens
de estimaçaõ sendo a principal o motu
proprio passado a 5. de Abril de 1705.
para governar quarto anno a Provincia.
Foy eloquente Orador, excellente Poeta
em todo o genero de Versos, agudo Fi-
losofo, e profundo Theologo, insigne
nas letras humanas, e versado nos Sagra-
dos Canones. Pello espaço de quarenta
annos prègou na Capella Real, de cujos
Sermoens tanto se agradava a Magestade
de D. Pedro 2. que lhe ordenou em al-
gumas Quaresmas prègasse tres vezes. Te-
ve singular urbanidade, grave presença,
deleitosa conversaçãõ. Era fiel para seus
amigos, e compassivo para os ingratos
por ser dotado de coraçãõ candido, e ge-
nio afavel. Venerou com affecto cordial

a Maria Santissima, e com igual affecto
a Imagem de Christo morto, que está em
huma Capella da Igreja do Convento do
Carmo de Lisboa solemnizando-a com
grande pompa no 3. Domingo de Julho.
Depois de tolerar huma larga enfermida-
de perparado com actos de bom religioso
passou desta vida mortal para a eterna a
16. de Outubro de 1714. quando conta-
va 66. annos de idade, e 53. de Religi-
aõ. Ao seu Funeral assistio a mayor parte
da Nobreza da Corte, e das Comunida-
des Regulares. Jaz Sepultado no Cemi-
terio novo com esta inscripçaõ.

*Aqui jaz o muito Reverendo P. Mes-
tre Fr. Francisco da Natividade por
anthonomasia o Latino, Varaõ de perspi-
caz engenho, insigne nas humanas, e di-
vinas letras tanto nos Pulpitos como nas
Cadeiras; Prior, que foy deste Convento,
e duas vezes dignissimo Provincial, Comis-
sario, e Visitador Geral, e Reformador
Apostolico desta Provincia, Prègador de
Sua Magestade, e por Decreto seu De-
putado da Junta das Missoens. Falleceo
de 66. annos aos 16. de Outubro de 1714.
Compoz.*

*Sermaõ da Soledade da Senhora prè-
gado na Capella Real. Lisboa por Mi-
guel Deslandes. 1687. 4. Sahio na Lau-
rea Portugueza.*

*Oraçaõ Panegyrica, e funeral em as
Exequias do Beatissimo Padre Inno-
cencio XI. celebradas em o Templo do Lo-
reto desta Cidade. Lisboa pelo dito Im-
pressõr 1689. 4.*

*Oraçaõ funebre em as Exequias, que
a Irmandade do Santissimo Sacramento
da Parochial Igreja de Santa Justa cele-
brou como a seu Juiz perpetuo o Duque
D. Luiz Ambrosio de Mello filho primo-
genito do Excellentissimo Duque do Ca-
daval D. Nuno Alvares Pereira de Mel-
lo. Lisboa pelo dito Impressõr 1701. 4.*

*Lenitivos da dor propostos ao augustis-
simo, e poderoso Monarcha ElRey D.
Pedro II. e applicados aos leaes Portu-
guezes no justificado sentimento da intem-
pestiva morte da Serenissima Rainha D.
Maria Sofia Izabella. Lisboa pelo dito
Impressõr 1700. fol.*

*Novena da Senhora Santa Anna com
o seu Officio. Lisboa por Manoel, e Jozè
Lopes*

Lopes Ferreira 1708. 12. Sahio sem o seu nome.

Thezaurus Evangelicus. Desta obra de que deixou escritos 45. cadernos, e lhe fez os Indices necessarios Fr. Jayme de Sampayo Lente de Prima do Collegio do Carmo de Coimbra, fallando Fr. Manoel de Sa *Mem. Hist. dos Escrit. do Carm. da Prov. de Portug.* pag. 162. *será de grande utilidade para as Cadeiras, e para os Pulpitos pelo admiravel das resoluções, pela singularidade dos conceitos, e pelo subido do Estilo.*

Fr. FRANCISCO NEGRAM Naceo na India Oriental onde recebeu o Habito de Religioso Menor na Serafica Custodia de S. Thomè sojeita à Provincia de Portugal. Aprendidas as sciencias capazes de o fazer bom Letrado o seu ardente zelo o constituhio hum dos mais famosos cultores da vinha de Columbo agregando ao rebanho do divino Pastor sete mil, e quinhentas almas, a quem conferio a primeira graça em trinta, e hum bautismos no espaço de cinco mezes. Foy Guardiaõ, e Comissario de Ceylaõ, em cujos lugares mostrou a prudencia do seu juizo. Os negocios da sua Provincia o obrigaraõ a passar à Curia Romana, donde depois de concluidos se restituhio ao Oriente. Delle fazem honorifica menção Fr. Jacinto de Deos *Prol. do Verg. de Plant. e Flor.* e no *Caminh. dos Frad. Men. para a Vid. Etern.* pag. 76. *virtutibus, & litteris præditus aliquos libros edidit*, escreve delle Fr. Miguel da Purif. *Relac. Defens. dos filh. da Ind. Orient.* fol. 51. vers. e no Memorial apresentado em Roma à Santidade de Urbano VIII. a 3. de Julho de 1638. Compoz com estudiosa applicação.

Primeira Parte das Chronicas dos Frades Menores da Custodia de S. Thomè da India Oriental, que trata do muito que os ditos Frades trabalharaõ na promulgação, e prègação da Fè Catholica entre os infieis, e do grande fructo, que fizeram na diocese das Serras do Malabar doutrinando os Christãos de S. Thomè, e reformando seus livros Surianos. fol. M. S. Conservase na Bibliotheca do Real Convento de S. Francisco de Lisboa.

FRANCISCO NOGUEIRA LIMA, E SAMPAYO filho de Joaõ Nogueira Lima naceo a 11. de Janeiro de 1684. em huma Quinta Solar da sua Caza situada na Trofa Freguesia de S. Miguel de Barreo Termo da Villa de Ponte de Lima em o Arcebispado de Braga. Tanto, que esteve instruido nas letras humanas, passou à Universidade de Coimbra onde se applicou às sciencias severas merecendo pelo progresso, que nelas fez naõ somente receber o grão de Mestre em Artes, e a borla doutoral na Faculdade de Theologia, mas passar a ser Conego Magistral da Sè de Viseu provido a 9 de Julho de 1721. donde passou com o mesmo lugar para a Primacial de Braga a 22. de Junho de 1724. Neste vastissimo Arcebispado foy Examinador Synodal, Visitador por diversas vezes, Abbade Reservatario, Confessor, e Prègador elegante de cujo Sagrado Ministerio publicou

Sermaõ do Santissimo Sacramento prègado no Triduo das Festas de Braga em 2. de Junho de 1725. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1730. 4.

Fr. FRANCISCO DE NOSSA SENHORA natural da Villa da Azambuja do Patriachado de Lisboa, e filho de Thomaz Lourenço, e Catherina Marques, recebeu o Habito de Agostinho Descalço no principio da Fundação desta Reforma em Portugal em o anno de 1669. ratificando a profissão ao primeiro de Dezembro de 1680. em o Convento do Monte Olivete. Foy excellente Poeta Latino, e muito observante dos preceitos do seu Instituto, de tal sorte, que padecendo a falta do juizo nunca deixou de continuar o Coro, e muitas vezes no mayor furor da sua demencia obedecia promptamente às ordens do Prelado. Falleceo no Convento do N. Senhora da Conceição do Monte Olivete situado fóra dos muros dessa Corte a 2. de Julho de 1696. Entre as Obras metricas Latinas, que compoz, foy a mais celebre.

In Laudem Virginis Mariæ Poema heroicum. M. S. o qual por incuria dos seus domesticos desappareceo.

Fr. FRANCISCO NUNES cuja patria, e Instituto Religioso se ignoraõ, e somente se sabe como escreve Joaõ Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter. lit. F. n. 58.* compuzera

Tractatus de Filio Prodigio. M. S.

FRANCISCO NUNES DE AVILA natural da Cidade de Lisboa, formado na Faculdade dos Sagrados Canones, e hum dos celebres Poetas do seu tempo assim na lingua Latina, como em a materna por cuja sonora Arte o louva Jacinto Cordeiro *Elog. dos Poet. Lusit. Estanc. 18.*

Dadme la pluma uuestra, que si falta Cleobroto de Platon ser imagino

Tanto por lo imortal su ingenio esmalta Francisco Nunes de Avila, que es digno

De que en grave atencion pluma mas alta

Describe con ingenio peregrino

Deste Platon el nombre dilatado,

Si en sus Versos me veo despeñado.

Publicou

Panegyrico à invenção do corpo do Martyr S. Vicente em as celebres festas, que lhe fez a Cidade de Lisboa em sua Tresladação. Lisboa por Pedro Craesbeeck.

4. Naõ tem anno da impressãõ. He hum Sylva elegante, que começa

Novos altos espiritos concebe

Inclyta Lusitania, que o benigno

Ceo outra idade de ouro em ti renova.

&c.

No Certame do Conde de Linhares he seu o *Soneto 14.* que sahio impresso Lisboa por Giraldo da Vinha. 4. e hum *Epigramma* Latino em applauzo do Licenciado Francisco Fernandes Galvaõ em o 1. Tomo dos Sermoens.

FRANCISCO DE OLANDA natural de Lisboa, e taõ estimado pela Arte da Pintura em que foy insigne de cujo pincel se conservaõ muitos quadros neste Reyno, como pela delicada perfeiçãõ com que illuminava com ouro, e diversas cores de que saõ eternos testemunhos os livros do Coro do Real Convento de Thomar. Assistio em Roma quando presidia no Solio do Vaticano

a Santidade de Paulo III. onde mereceo as estimaçoens das primeiras pessoas da quella grande Corte. Compoz em diverso genero de metro

Louvores eternos. Dedicou esta obra ao seu Anjo Custodio, e a acabou a 22. de Novembro de 1569.

Amor da Aurora.

Idades do Homem.

Estes dous tratados ornados de consideraçoes devotas deixou primorosamente illuminados.

FRANCISCO DE OLIVEYRA natural da Cidade de Braga, e filho de Domingos Barroso, e Maria de Oliveira. Applicouse com disvelo à arte da Arithmetica em que sahio taõ eminente, que naõ sómente abrio escola para a ensinar, mas dezejozo de que todos se aproveitasssem de semelhante estudo, naõ lhe servindo de impedimento a provecta idade de setenta annos, que contava no anno de 1739. publicou nella o seguinte Tratado

Arithmetica verdadeira, ou arte facilissima de contar para todos os curiosos, que com fundamento, claresa, e distincão quizerem fazer qualquer genero de conta, principalmente para todas as Pessoas, que tem a occupação de comprar, e vender, saberem com facilidade, o que importãõ as fazendas, que compraõ, ou vendem, e o lucro, ou perda, que nellas alcançaõ assim por annos, como por mezes, e dias. Porto 1739. 4. sem nome de Impressor.

Fr. FRANCISCO DE ORTA natural de Lisboa, onde professou o Instituto da Ordem dos Pregadores a 22. de Abril de 1543. fazendo taes progressos nos estudos, que foy hum dos grandes Mestres, que dictaraõ Theologia Moral no Real Collegio de Nossa Senhora da Escada desta Corte. Jaz sepultado no Convento de Evora. Compoz

Commentaria in Summam D. Thomæ Aquinatis. M. S. Os quaes (como affirma Fr. Pedro Mont. Claustr. Dom. Tom. 3. pag. 218.) se espalhãõ pela Provincia com grande estimação. He numerado entre os Escriitores Dominicanos por Altamura Bib. Domin. fol. 345.

FRAN-

FRANCISCO OSORIO natural de Lisboa Presbytero Theologo Mestre de letras humanas, e Prior da Parochial Igreja de S. Vicente de Villa de Franca de Xira do Patriarchado de Lisboa. Para instruir as suas ovelhas traduzio da lingua Latina em a materna

Compendio de espiritual doutrina colhido pela mayor parte de varias Sentenças dos Santos Padres Author o Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Fr. Bartholameo dos Martyres Arcebispo de Braga Primaz. Lisboa por Antonio Alvares Impressor del Rey 1653. 8.

FRANCISCO PAEZ FERREIRA, E FRANÇA natural da Cidade de Evora, Mestre em Artes, e Licenciado em Theologia. Assistio grande parte da sua vida em Madrid onde foy Cappellaõ del Rey. Falleceo nesta Imperial Villa depois do anno de 1668. Compoz

Juizio Catholico, y pio sobre la estrella del nacimiento del Principe D. Philippe Prospero hijo de los Reyes D. Philippe IV. y D. Anna de Austria. Madrid. por Domingos Garcia Morrás 1658. 4.

Fr. FRANCISCO DA PAYXAM natural de Lisboa donde passando a Madrid recebeu o Habito de Mercenario Descalço, e depois de ler Filosofia, e Theologia aos seus domesticos se applicou com particular estudo às Cerimonias Ecclesiasticas augmentando com varias noticias o livro que nesta materia escrevera Frey Domingos dos Santos seu patricio, e Religioso da mesma Ordem de quem fizemos memoria em seu lugar, e o publicou sem o seu nome com este titulo

Ceremonial, y instruccion de Officios de los Religiosos Descalços de Nossa Senhora de la Merced, Redempcion de Cautivos en que se contiene lo tocante al resado, y celebracion de los Officios Divinos en el Altar, y Coro segun el Breviario, y Missal Romano reformado por Clemente VIII. y Ritual de Pablo V. y assi mismo lo que pertenece a cada uno de los Religiosos segun sus Officios, y ministerios. Madrid por Francisco Nieto 1668.

4.

Manual de Proceßiones, Officios particulares della Semana Santa, Benedicções, Sacramentos con el Officio de la sepultura delos Religiosos Descalços della Orden de N. Señora de la Merced Redempcion de Cautivos. Barcelona por Dionizio Hydalgo 1669. 4.

FRANCISCO PEDRO VIDAL DE CARVALHO natural da Villa de Cezimbra do Patriarchado de Lisboa Theologo Moralista. Querendo testemunar o devoto affecto para o insigne Pay dos pobres, e verdadeiro exemplar de Prelados publicou

Novena do glorioso Santo Thomàs de Villanova Arcebispo de Valença da inclita familia Augustiniana. Lisboa por Pedro Ferreira Impressor da Corte. 1731. 4.

P. FRANCISCO PEDROSO naceo em Lisboa, e logo nos primeiros annos deu claros indicios da innocencia dos costumes, que havia observar por toda a vida sendo a vigilante educaçãõ de seus Pays Manoel de Alpoem de Souza, e Marianna Cardoso da Sylva o suave estimulo para que deixando o seculo buscasse como escola de virtudes a Congregaçãõ do Oratorio fundada nesta Corte pelo apostolico espirito do V. P. Bartholameu do Quental, onde recebeu a Roupeta a 21. de Novembro de 1669. Como era dotado de grande comprehensãõ, e naõ menor capacidade de tal forte se distinguio no estudo das sciencias severas, que brevemente subio à Cadeira onde com igual clareza, que profundidade dictou as materias mais difficultosas da Theologia Especulativa, e Moral merecendo, que nestas Faculdades fosse respeitado como Oraculo de cuja decisaõ pendiaõ as controversias pertencentes ao foro interno por ser sempre o seu voto estabelecido sobre as solidas bases das opinioens mais provaveis. A' especulaçãõ das sciencias correspondia a practica das virtudes sendo summamente modesto, mortificado, compassivo, amante da pobreza, e inimigo da vaõ-gloria. Copioso foy o fruto, que colheo quando prégava principalmente nas Missõens apostolicas, que

que fazia por varias partes em o tempo da Quaresma concorrendo o aspecto penitente, e a voz formidavel para reduzir ao caminho da bemaventurança os coraçoes mais obstinados. Estas partes constitutivas de hum Varaõ perfeito lhe conciliaraõ a estimaçaõ da Nobreza, e particularmente dos Cardiaes Jorge Cornaro Nuncio Apostolico nestes Reynos, e Nuno da Cunha de Attayde Inquisidor Geral, que o creou Qualificador do Santo Officio. A Magestade reynante del Rey D. Joaõ o V. o elegeu por seu Confessor confiando naõ fomento da sua prudente capacidade os negocios de graves consequencias, mas venerando a sua Pessoa como ornado de insignes virtudes. Naõ eraõ eficazes taõ distintas estimaçoens para alterar ainda levemente o seu coraçãõ por ser superior a todas as honras mundanas conservando sempre a sinceridade de animo com que servia aos interesses alheos, e nunca aos proprios. Mais cheyo de virtudes, que de annos passou com summa piedade desta vida mortal para a eterna a 8. de Janeiro de 1719. A Congregaçaõ em obsequio de filho taõ benemerito lhe dedicou solennes exequias a que assistio a Nobreza, e a mayor parte das Comunidades Religiofas. Publicou

Exhortaçãõ dogmatica contra a perfidia Judaica feita aos Reos penitenciados no Auto publico da Fè, que se celebrou na Praça do Rocio junto aos Paços da Inquisiçaõ desta Cidade de Lisboa em 9. de Julho de 1713. Lisboa por Miguel Manescal Impressor do Santo Officio 1713. 4.

Censura, in qua resolvitur sufficere approbationem à quocumque Ordinario, ut Confessarius virtute Bullæ Cruciatæ possit ubique eligi. Sahio no Tom. 1. *Quest. Select. Bul. Cruc.* Authore Laurentio Pires de Carvalho à pag. 380. athe 386.

De Incarnatione Divi Verbi. fol. M. S.

Esta obra, que era doutissima, levou o Cardial Cornaro Nuncio Apostolico neste Reyno quando delle partio para Roma com o intento de a imprimir, cuja idea se naõ efeituou.

FRANCISCO PEREIRA cuja patria, e estado de vida se ignoraõ. Escreveo hum Discurso muito largo, e douto com este titulo

Parecer sobre os lugares, e passagens de Africa. M. S. Conserva-se na Livraria do Excellentissimo Marquez de Abrates. Começa *Haverá por ventura alguem.*

P. FRANCISCO PEREIRA natural do lugar de Cachugaes do Bispado do Porto filho de Antonio Pereira, e D. Filippa da Sylva ambos de conhecida nobreza. Professou o Instituto da Companhia de JESUS em o Collegio de Coimbra a 9. de Janeiro de 1577. e depois de estudar as letras humanas, e sciencias divinas dictou muitos annos Theologia em o Collegio de Evora onde se conservaõ os Tratados seguintes dignissimos da luz publica

De Gratia fol. M. S.

De Justitia, & Restitutione. fol. M. S.

D. Fr. FRANCISCO PEREIRA naceo em a Villa de Lampazes do Bispado de Lamego sendo filho natural de Nuno Alvares Pereira Pimentel do Conselho de Portugal em Madrid, Padroeiro do Capitulo de S. Francisco do Convento de Bragança descendente da illustre familia dos Pimenteis da Caza dos Condes de Benavente em Castella, e irmaõ de Pedro Alvares Pereira Senhor de Serra Leoa, e do Paül de Muge Comendador de Santa Maria de Marmeleiro da Ordem de Christo do Conselho de Estado de Filippe IV. e seu Secretario, e de D. Maria Pereira mulher de D. Diogo Botelho Governador do Brazil progenitores do Conde de S. Miguel. Nos annos da adolescencia deixando a Caza paterna entrou na Religiaõ dos Eremitas de Santo Agostinho cujo Instituto professou no Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa a 27. de Setembro de 1585. donde sahio eminente assim nos estudos Escholasticos, como na Arte da Oratoria Ecclesiastica. Quando contava 35. annos de idade partio a Roma para assistir no Capitulo Geral, que se celebrou em o anno de 1602. onde foy eleito Assistente do Geral pelas Provincias

cias Ultramontanas sendo o primeiro Portugez, que exercitou este ministerio. Restituido ao Reyno subio ao lugar de Provincial em o anno de 1609. que administrou prudente, e afavel. Atendendo a Magestade de Philippe III. aos seus merecimentos ornados da nobreza do nascimento, e profundidade da sciencia o nomeou no anno de 1618. Bispo de Miranda em cuja dignidade foy confirmado por Paulo V. em o primeiro de Outubro do dito anno havendo recebido deste Pontifice particulares significacoens de affecto em o tempo, que assistio na Curia. Em os dous Actos solemnes das Cortes celebradas em Lisboa o primeiro a 14. de Julho de 1613. eo 2. a 18. do dito mez, e anno em que Philippe III. fez juramento aos Tres Estados do Reyno, e foy jurado seu filho o Principe D. Philippe suceffor desta Coroa, orou pela parte do Estado Ecclesiastico com applauzo de taõ authorizado congresso. Tendo governado a sua Diocefe com vigilancia de Pastor, e ternura de Pay falleceo piamente a 7. de Janeiro de 1621. quando estava nomeado Bispo de Lamego. Fr. Ant. à Purifi. *de vir Illust. Ord. Erim. D. Aug.* lib. 1. cap. 17. o intitula *immortali laude dignus*. Miranda *Disc. Hist. da vid. de D. Ant. de Zunig.* Disc. ult. fol. 62. *Cuyas letrás, sangre, y virtud. es bien conocida povel mundo.* Haro *Nob. Geneal.* Tom 1. fol. 136. *vers. varonde singular vida, y exemplo, y de una suave, y muy rara prudencia en la predicacion de la doctrina evangelica en que pocos se le igualaron en su tiempo.* Faria *Decad.* 1. lib. 9. cap. 8. Nicol. *Ant. Bib. Hisp.* Tom. 1. p. 350. col 2. *Herrer Alfab. August.* Fr. Ant. da Purif. *Chron. da Prov. de Portug. dos Erim. de Sant. Agust.* Part. 2. liv. 5. Tit. 3. §. 16. e 21. *Abreu Cathal. dos Bisp. de Mirand.* §. 11. Faria, e Souza *Fuent. de Aganip.* Eleg. 12. cujo assumpto he Pedro Alvares Pereira irmaõ de D. Fr. Francisco Pereira, a o qual assim o louva

*En ti llevò la muerte de una herida
De Varon sabio Original Valiente
Y gran modelo de virtud luzida.*
Compoz

Oraçãõ no Auto do Juramento, que el Rey D. Philippe N. Senhor segundo deste nome fez aos tres Estados do Reyno, e do que elles fizeraõ a S. Magestade do recebimento, e aceitaçãõ do Principe D. Philippe N. Senhor seu filho Primogenito em Lisboa a 14. de Julho de 1619.

Oraçãõ do Auto do Juramento de Philippe III. nas Cortes celebradas em Lisboa a 18. de Julho de 1619.

Huma, e outra sahiraõ impressas Lisboa por Pedro Craesbeeck. 1619. fol. e na *Viage de la Catholica Real Magestad del Rey D. Philippe III. al Reyno de Portugal.* Madrid por Thomas Junti Impressor del Rey 1622. fol. a pag. 63. e 65.

Tratado da Religiaõ Eremítica de Santo Agostinho M. S. o qual confessa ter em seu poder Fr. Antonio da Purificaçãõ *Antid. August.* Trat. 2. cap. 9. fol. 54.

FRANCISCO PEREIRA PESTANA filho de Joaõ Pestana fidalgo de conhecida nobreza. Desde a primeira idade atè a ultima frequentou a palestra de Bellona correspondendo felismente a fortuna ao valor de seu heroico coraçãõ. No tempo, que governava o Reyno de Napoles el Rey D. Fradique foy o primeiro theatro dos seus marciaes espiritos donde restituido a Portugal passou por ordem del Rey D. Manoel à regiaõ de Africa onde pelo espaço de sete annos alcançou immortal gloria ao seu nome, e cauzou fatal ruina aos sequazes de Mafoma. De Africa navegou para Asia com o posto de Capitaõ, e depois de sustentar a Fortaleza de Quiloa na obediencia do seu Soberano assistio na celebre conquista de Goa no anno de 1510 em que deu manifestos argumentos de seu natural valor. Segunda vez navegou deste Reyno para Goa em tempo do Governador do Estado D. Duarte de Menezes provido em huma Capitania de que o privou no anno de 1524. o Vicerey D. Vasco da Gama sinistramente informado pela malevolencia dos seus emulos, e ainda que no anno de 1525. governando D. Henrique de Menezes focorresse com o posto de Capitaõ de hum galeaõ a Fortaleza de Calicut, prevaleceraõ de tal sorte contra o seu claro procedimento

as machinas de seus inimigos, que chegando a Lisboa esteve preso dous annos no Castello até que justificada a sua innocencia das falsas acusaçoens, que lhe tinhaõ imposto, foy livre, e absoluto. Acompanhou ao Infante D. Luiz na famosa expedição de Tunes alcançando sempre fama de valeroso soldado, e prudente Capitaõ. Foy Camareiro do Infante D. Affonso filho do Serenissimo Rey D. Manoel sendo instrumento de pacificar as discordias, que o indiscreto zelo de alguns Criados fomentara entre este Principe, e seu Irmão D. Joaõ o III. Teve juizo agudo, e discreto, condição afavel, e benigna, profusaõ generosa, e continua. Delle faz a seguinte memoria Osor. *de reb. Emman. lib. 4. Vir nobilis, & acer, qui multa in re militari facinora egregie virtutis ediderat.* Compoz

Oração na presença del Rey D. Manoel, e seus Dezembargadores em que se justifica dos crimes que lhe impuzeraõ sendo Capitaõ da India M. S. Começa. Segundas culpas por serviços merecem perdão. He muito judiciosa.

Prática em que persuadia a D. Joaõ o III. não ser conveniente passar elle, e seu Irmão o Infante D. Luiz a Africa; e o modo como os Ecclesiasticos podiaõ concorrer para esta empreza. M. S.

Discurso sobre o governo da India onde mostra os meynos por onde se pode dilatar a sua Conquista. M. S.

Estas duas obras se conservavaõ na Livraria do Chantre de Evora Manoel Severim de Faria.

FRANCISCO PEREIRA DA SYLVA natural da Villa de Viana em a Provincia do Minho muito versado na lição da Historia, e principalmente em a noticia da Origem, e progressos da Ordem Terceira do Serafico Patriarcha, da qual era Irmão professo, escrevendo

Caminho dos Terceiros Seraficos para a Celestial Patria descoberto pelo Serafim dos Patriarchas na instituição da sua Terceira Ordem manifesto no largo campo da Esclarecida Religião dos Menores por muitos, e graves Escriitores. Lisboa por Mauricio Vicente de Almeyda 1731. 8.

Tom. II.

& ibi por Theotonio Antunes de Lima. 1736. 8.

Chronica da Terceira Ordem do Reyno de Portugal, e suas Conquistas. fol. Desta obra faz o Author memoria no Prologo da obra precedente, e della examinou a primeira parte em o anno de 1740. por ordem do Dezembargo do Paço para se imprimir o Reverendo Padre Fr. Manoel de S. Damaso Bibliothecario do Real Convento de S. Francisco de Lisboa, Chronista da Provincia de Portugal, e Academico da Academia Real.

Fr. FRANCISCO DA PIEDADE MACIEL naceo em Lisboa, e professo o Instituto da illustre Ordem dos Prègadores em o Convento de Goa, onde se applicou ao estudo da Sagrada Escritura, e dos Santos Padres em que sahio eminente. Informado o Mestre Geral da Ordem Fr. Nicolào Ridolphi da profunda sciencia que tinha da Biblia, e dos seus mayores interpretes lhe ordenou escrevesse a obra seguinte a qual afirma que ainda que contasse a provecta idade de cento, e quinze annos que viveo seu Avó materno Pedro Corfi natural da Ilha de Corfega a não poderia completar pela sua immensa vastidaõ a qual publicou com este titulo

Expositiones selectæ Sanctorum Patrum, Doctõrumque clarissimorum in totum historialem utriusque Sacræ Pagine textum collectæ, ac conceptibus prædicationibus applicatæ. Interponuntur etiam expositiones sententiarum, quæ inveniuntur in Capitibus parabolicis Job, Psalmis, libris Salomonis, Prophetis, Epistolis Apostolorum, Apocalypsi, in quibus est aliquod verbum ejusdem historialis textus. Tomus primus complectens opera sex dierum divisus in tres partes. Prima pars continet opera unius diei, ac tria millia selectarum expositionum cum duobus indicibus locupletissimis, eaque subdivisa in Tres partes. Neapoli apud Secundinum Roncaglioli. 1636. fol. Desta obra, como de seu Author, fazem memoria Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. p. 351. col. 1. Fr. Petr. de Alva y Astorg. *Milit. Concept.* Echard. *Script. Ord. Præd.* Tom. 2. p. 478. col.

Ee ii

2.

2. Lelong. *Bib. Sacra.* p. mihi 906. col. 1. e Monteiro *Claustr. Domin.* Tom. 1. p. 218.

FRANCISCO PIMENTEL naceo em Lisboa, e na Parochial Igreja de Santa Justa recebeu a primeira graça a 23. de Setembro de 1652. Foy filho terceiro de Luiz Serram Pimentel Cosmographo mór, Tenente General da Artilharia, e Engenheiro mór do Reyno, de quem se fará distinta memória em seu lugar, e de sua segunda mulher D. Izabel Godins. Depois de frequentar o estudo das letras humanas no Collegio de Santo Antão dos Padres Jesuitas, passou à Universidade de Coimbra onde applicado à Faculdade de Direito Cesareo recebeu o grão de Bacharel em o anno de 1677. Como fosse muito perito nas disciplinas Mathematicas principalmente em a Geometria, e fortificação o nomeou ElRey D. Pedro II. a 7. de Agosto de 1677. por Capitaõ Ajudante do Engenheiro mór seu Pay ao qual substituhio em o anno de 1679. no exercicio de Lente da Fortificação, que continuou todo o tempo que lhe permitiaõ assistir em Lisboa as frequentes jornadas que fazia para observar a segurança das Praças do Reyno, e dispor as defensas de que necessitavaõ. Entendendo ElRey D. Pedro que no tempo da paz era conveniente prevenirse para a guerra, e instruir na disciplina militar aos seus Vassallos valendo-se da occasiaõ dos aprestos, que em Polonia, e Alemanha se faziaõ contra o inimigo commum da Christandade mandou a Francisco Pimentel, e D. Antonio Salgado com o posto de Capitaens acompanhados de quatro Ajudantes para que assistindo naquellas Campanhas aprendessem practicamente os dictames da Arte militar. Partio de Lisboa Francisco Pimentel a 17. de Mayo de 1684. e chegando à Corte de Polonia foy benevolamente recebido pelo seu Soberano Joaõ Sobieski chegando a tal excessõ a distincãõ que fez da sua pessoa que o fez sentar à sua mesa algumas vezes. Por ordem desta Corte passou de Polonia em o anno de 1685. a Hungria achando-se na expugnação da Praça de Nevvhausel que os Imperiaes por assalto recuperaraõ do

poder do Turco donde marchou com o exercito Imperial a avistar a Praça de Buda havendo-se em todas as operaçoens desta Campanha com grande actividade, e não menor disciplina. Restituido ao Reyno passou no anno de 1690. a dispor a fórma da defesa da Praça de Mazagaõ por se recear a invasaõ dos Mouros, a cujos rebates sahio muitas vezes ao campo em que deu manifestos argumentos de seu valor natural. Declarada a guerra por esta Coroa contra a Castelhana no anno de 1704. entrou a servir na Beira com o posto de Quartel Mestre General ordenando tudo quanto pertencia a este lugar com summa providencia, e acreditando o seu esforço no choque que o nosso exercito teve com o inimigo em Monsanto devendo-se a recuperaçãõ do seu Castello, e grande parte da felicidade deste dia às suas disposiçoens donde sahio gravemente ferido de huma bala. Ainda mal convalecido sahio da Praça de Penamacor governando o Trem da Artilharia do nosso exercito que marchava para a Praça de Almeйда. Nomeado no anno de 1705. Mestre de Campo General dispoz com grande acordo todos os campamentos do nosso exercito, e se assinalou na recuperaçãõ da Praça de Salvaterra. O mesmo ardor manifestou na Provincia do Alentejo assistindo ao sitio de Badajos, atè que a 17. de Setembro de 1706. lhe ordenou o Marquez das Minas Governador das Armas que ficasse na Cidade de Cuenca com trezentos Infantes para presidio da Praça que governaria com patente de Mestre de Campo porèm sentindo-se gravemente enfermo fez o seu Testamento sendo a principal disposiçãõ que se annexassem os seus bens ao Morgado de seus Avòs, e recebidos os Sacramentos com catholica piedade falleceo a 6. de Outubro de 1706. quando contava 54. annos de idade a tempo que os Castelhanos tinhaõ assediado a Cuenca. Foy sepultado com todas as honras militares na Parochial Igreja de Santa Cruz da mesma Cidade. Faz do seu nome repetida memoria o P. Souza *Hist. Gen. da Caf. Real Portug.* Tom. 7. p. 556. e 619. e Tom. 8. p. 339. Compoz

Elementos de Geometria.

Geome-

Geometria Practica que contem a doutrina dos Triangulos, a construcção das Taboas dos Senos Tangentes, e Secantes, e dos Logarithmos. A dimensão das linhas, superficies, e corpos. A perspectiva, e a divisão das superficies.

Tratado da offensa, e defenza das Praças.

Fortificação moderna que trata da Construcção, e Fabrica das Fortalezas.

Todas estas obras M. S. se conservaõ com estimação em poder dos Professores da Arte militar.

P. FRANCISCO DE PINA natural da Villa de Aviz em a Provincia Transana filho de Antonio de Pina, e Francisca Vaz recebeu a Roupeta de Jesuita no Collegio de Coimbra a 22. de Julho de 1555. Alcançada faculdade dos Superiores partio de Lisboa a 9. de Março de 1561. para a India, e chegando a Goa a 7. de Setembro do referido anno se empregou na cultura da Christandade da Costa de Coromandel. Foy Reitor do Collegio de S. Thomé no anno de 1575. Delle se lembra *Hist. Societ.* lib. 2. §. 110. Escreveo

Carta de Goa de 4. de Novembro de 1561. em que relata a sua jornada. Sahio com outras em Italiano. Venetia por Tramezino. 1565. 8.

Carta de Goa do 1. de Novembro de 1562. M. S.

Carta escrita de S. Thomé ao P. Manoel da Costa a 20. de Setembro de 1563. M. S.

P. FRANCISCO DE PINA natural da Cidade da Guarda em a Provincia da Beira. Alistou-se na Companhia de JESUS em o Collegio de Coimbra a 28. de Janeiro de 1605. onde consumados os estudos das sciencias escolasticas inflamado com o zelo de aggregar filhos à Igreja Romana navegou ao Oriente, e logo que chegou a Goa foy destinado pelos Superiores para Missionario da Cochinchina sendo companheiro do P. Alexandre de Rhodes, e o primeiro, que prégou na lingua Annamitica que aprendeo com grande disvelo para se fazer intelligivel aos seus naturaes. Compoz juntamente com o P. Alexandre de Rhodes

DiCTIONARIUM Annamiticum. Romæ Typis, & sumptibus sacrae Congregationis de Propaganda fide. 1651. 4.

FRANCISCO DE PINA, E DE MELLO Moço Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e Chefe da Familia dos Pinas de Aragaõ, que vieraõ a este Reyno com a Rainha Santa Izabel, filho de Joaõ de Mello de Pina, e de D. Maria Francisca Xavier de Sã, e de Miranda filha de Luiz de Sã, e de Miranda, e de D. Mariana de Souza Tavares, teve o seu berço na Villa de Montemor o Velho em a Provincia da Beira a 7. de Agosto de 1695. Nos primeiros annos o applicou seu Pay ao exercicio da Cavallaria em que era perito, porem o genio em idade taõ tenra o inclinava para a lição dos livros, e cultura das sciencias. O engenho, de que liberal o ornou a natureza, lhe fez facil o progresso nas Artes Liberaes devendo-lhe mayor affecto a Poesia com a qual ao mesmo tempo se purificava o entendimento, e se deleitava a vontade. Depois de estudar em a Universidade de Coimbra a Filosofia Peripatetica leu com particular reflexão os Systemas de Renato Descartes, Pedro Gassendo, e outros Filósofos modernos, e da sua mesma lição colheo que unicamente a Filosofia Moral era digna de toda a applicação como directora das acções virtuosas. Por morte de seu Pay segunda vez frequentou a Universidade de Coimbra onde defendeo Conclusoens de Direito Pontificio com geral applauso dos Cathedraticos cujo estudo interrompeo por causas urgentes que o obrigaraõ a restituir-se à sua patria onde conserva innocente commercio com as Musas sendo hum dos mais canoros Cisnes do Parnaso Portuguez, que hoje venera este Reyno, ou seja pela copiosa affluencia das vozes, ou pela profunda discricão dos pensamentos com que orna os diversos generos de metros que tem produzido a sua fecunda Musa, sendo os que lograraõ do beneficio da luz publica os seguintes

Rimas. Primeira, e segunda parte. Coimbra por Jozè Antunes da Sylva Impressor da Universidade. 1727. 8.

Epithalamio Hendecasyllabo nas felicissimas

simas Nupcias do Excellentissimo Senhor D. Jozè Miguel Joaõ de Portugal Conde de Vimiofo, e da Excellentissima Senhora D. Luiza Xavier de Lorena celebradas em 24. de Outubro de 1728. Lisboa por Jozè Antonio da Sylva Impressor da Academia Real 1729. fol.

Egloga na morte do Excellentissimo Senhor D. Nuno Alvares Pereira de Mello primeiro Duque do Cadaval. Interlocutores Sylvio, e Sileno. Começa

Ora venhas com bem Sileno amigo.

Retrato pathetico na morte do Excellentissimo Senhor D. Nuno Alvares Pereira de Mello primeiro Duque do Cadaval, quarto Marquez de Ferreira, sexto Conde de Tentugal. Huma, e outra obra sahio nas ultimas Acçoens do mesmo Duque. Lisboa na Officina da Musica. 1730. fol. de pag. 347. até 363.

Admiraçoens sentidas pela irremediavel perda da Serenissima Senhora Infanta D. Francisca. Lisboa por Miguel Rodrigues. 1736. 4. Consta de hum Romance heroico, e hum Soneto.

Espelho Nupcial Epithalamio no felicissimo casamento do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. Jayme de Mello Duque do Cadaval com a Senhora Princeza Henriqueta Julia Gabriela de Lorena. Lisboa por Antonio Isidoro da Fonseca. 1739. fol. Consta de 100. Outavas

Apologo metrico na jornada que fez de Tentugal para a Corte o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. Jayme de Mello com a Illustrissima, e Excellentissima Senhora Henriqueta Julia Gabriela de Lorena Duques do Cadaval, Marquezes de Ferreira, Condes de Tentugal. Lisboa por Antonio Isidoro da Fonseca. 1739. fol.

Gruta das Parcas. Epithalamio nos felicissimos desposorios do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor D. Jozè Mascarenhas, Conde Mordomo mór com a Illustrissima, e Excellentissima Senhora D. Leonor Thomazia de Lorena filha dos Illustrissimos, e Excellentissimos Senhores Condes de Alvor. Lisboa na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real. 1740. 4.

Para o tumulo do Reverendissimo Padre D. Rafael Bluteau Epitafio. He hum

Soneto. Sahio a pag. 138. do *Obsequio Funebre que a Academia dos Applicados dedicou ao mesmo Padre.* Lisboa por Jozè Antonio da Sylva. 1734. 4.

Obras M. S. completas

Rimas. 4. 5. e 6. Parte. Estaõ com as licenças para a Impressão.

Versão, Annotação, e addição à Centuria dos Epigrammas do Excellentissimo Conde do Vimiofo impressos no anno 1732. He em Prosa, e Verso.

Epithalamio nas Reaes Vodas dos Serenissimos Senhores Principes do Brazil, e dos Serenissimos Senhores Principes das Asturias. Verso.

Epithalamio em as Vodas do Excellentissimo D. Francisco Xavier de Menezes segundo Marquez do Louriçal com a Excellentissima Senhora D. Maria da Graça de Noronha filha dos Excellentissimos Marquezes de Cascaes. Verso.

Genethliaco em o Nascimento do Primogenito do Excellentissimo Marquez de Gouvea D. Jozè Mascarenhas. Prosa.

Theatro da eloquencia fundada nos preceitos Rhetoricos dos Oradores antigos, e modernos; illustrado, e acrescentado com novas ponderaçoes, e exemplos, e outras regras de elegancia assim vocal, como escrita pertencentes à Proza, e ao Verso.

Combate Critico, e apologetico contra la preferencia que diõ a Lucano sobre Virgilio en el 4. Tomo de su Theatro Critico Universal Discurso 14. 2. 15. n. 40. el P. M. Fr. Benito Feijõ Montenegro.

Difertação historica da Vida, e martyrio de Santa Comba.

Obras M. S. imperfeitas

O Peregrino, ou a jornada do Heroe para o Templo da Fama. Poema Epico, Mystico, e Allegorico.

Eneida de Virgilio traduzida em 8. Rima Portugueza.

Vida, e acçoens do grande Affonso de Albuquerque Governador da India.

Canoculo intellectual para observar a perspectiva do Theatro do mudo visivel do P. M. Fr. Bernardino de Santa Rosa.

Epito-

Epitome da Historia Romana desde Romulo até o Imperador Carlos VI.

Revoluçoens, e successos das Armas das Potencias da Europa sobre a successão Austriaca depois da morte do Imperador Carlos VI.

P. FRANCISCO PINHEIRO natural da Villa de Gouvea do Bispado de Coimbra onde teve por Pais a Francisco Pinheiro, e Maria Ribeyra. Quando cumpria quinze annos de idade se alistou na Companhia de JESUS em o Collegio de Coimbra a 14. de Março de 1611. A mayor parte da sua vida passou occupado no magisterio das letras amenas, e severas fendo o theatro da sua doutrina a Universidade de Evora onde recebeo o grão de Doutor na Faculdade da Theologia a 21. de Julho de 1633. e nella foy Cancellario. Ainda que dictou defaseis annos Theologia Escholastica, e tres Moral com fama de excellentissimo Mestre, e Doutor Sapientissimo, como delle escreve o P. Ant. Franco. *Imag. da Virt. do Colleg. do Nov. de Coimb.* Tom. 2. p. 618. col. 1. não lhe impedio a continua applicação a este genero de sciencia para que não fosse insigne Jurisconsulto como o publicação as obras que imprimio em que se admira a vasta noticia que tinha de ambos os Direitos. Não foy menos estimavel pela virtude por ser exemplar da observancia religiosa. Governou os Collegios de Evora, e Coimbra com prudencia, e affabilidade, e no tempo que exercitava este finalizou a vida a 27. de Julho de 1661. com 66. annos de idade, e 51. de Religião. Delle fazem memoria Joan. Soar. de Brito *Theatrum Lusit. Litter. Lit. F.* n. 60. *Vir pietate, prudentia, & doctrina spectatissimus, & nominatissimus. Uthoa de Legatis, & Fidei comif.* Dissert. 4. n. 138. *Bib. Societ.* p. 244. col. 2. *Floruit in eo vitæ integritas, & morum sanctitudo.* *Fonsec. Evor. Glor.* p. 431. *dotado de singular engenho para as sciencias.* *Nicol. Ant. Bib. Hispan.* Tom. 1. pag. 351. col. 1. *Franc. Annal. S. J. in Lusit.* pag. 330. n. 4. *Vir exquesitæ sapientiæ,* e no *Ann. Glor. S. J. Lusit.* p. 431. col. 2. *Fulsit admirabili sapientia.* Compoz

De Censu, & Emphyteusi. Conimbricæ apud Emmanuelem Dias. 1655. fol.

Tractatus de Testamentis. Constat sex partibus, principalibus, seu disputationibus. 1. de iis, qui Testamentum facere possunt, aut non possunt. 2. de modo, & solemnitatibus in conficiendo Testamento necessario adhibendis, ubi de Codicillis, & Clausula codicillari. 3. de institutione hæredis. 4. de substitutionibus. 5. de iis, qui possunt, aut debent institui hæredes alia ve ratione honorari testamento. 6. de revocatione, & infirmatione Testamenti. Tomus primus. Conimbricæ apud Josephum Ferreira. 1681. fol.

Tomus Secundus. ibi apud eundem Typog. 1684. fol. & ibi apud Benedictum Secco Ferreira 1710. fol.

Fr. FRANCISCO DE PINHEL cujo apellido indica a patria que lhe deo o berço, Monge Cisterciense professando este Sagrado Instituto em o Convento de Santa Maria da Estrella situado em o Bispado da Guarda. Foy grande Theologo, e insigne Escriturario. Compoz

De Incarnatione Divini Verbi. fol. M. S.

O original se conserva na Bibliotheca do Real Convento de Alcobaça cabeça da Monachal Congregação Cisterciense neste Reyno.

FRANCISCO PINTO PACHECO natural da Cidade de Tangere situada na Região de Africa onde foy Capitaõ mór, Cavalleiro da Ordem de Christo, Comisfario do Tribunal da Conciencia, e Ordens, e Fidalgo da Casa de Sua Magestade. Teve por progenitores a Antonio Pinto Pacheco, e a D. Brazia Antunes. Foy cazado tres vezes, a primeira com D. Izabel Figueira; a segunda com D. Maria de Vasconcellos, e Souza, e a terceira com D. Izabel Zarca Rebello filha de Thomaz Rodriguez, e de D. Margarida Thomazia Rebello de Moura, e de todos estes tres matrimonios deixou copiosa descendencia. Sendo instruido nas artes dignas do seu nobre nascimento se distinguio em a da Cavallaria alcançando por ella as mayores estimaçoens dos seus mais peritos professores, e para que formasse

masse discipulos de taõ noble exercicio ,
escreveo

*Tratado da Cavallaria da Gineta com
a doutrina dos melhores Authores.* Lisboa
por Joaõ da Costa. 1670. 4.

**FRANCISCO PINTO DA VEI-
GA** Sobrinho do Illustrissimo Bispo do
Porto D. Fr. Marcos de Lisboa , e Ab-
bade da Parochial Igreja de S. Mamede
de Canellas em o mesmo Bispado. Foy
muito perito nas letras humanas , e prin-
cipalmente na cultura da lingua Latina
em que imitou os primeiros Mestres que
venerou o Seculo de Augusto. Sempre
viveo retirado do cõmercio humano , de
tal sorte , que naõ tendo mais que hum
criado lhe fallava a horas de terminadas ,
passando todo o mais tempo fechado
em huma casa onde cozinhava õ que co-
mia. Sendo dignas da luz publica as suas
obras poeticas sõmente se imprimiraõ as
seguintes das quaes se argumenta o furor
da sua Musa.

*Tres Poesias Latinas em applauso do
Cathalogo dos Bispos do Porto composto
pelo Illustrissimo Bispo desta Diocese D.
Rodrigo da Cunha.* Sahiraõ no principio
desta obra. Porto por Joaõ Rodrigues
1623. fol.

*Poema Latino em applauzo do mesmo
Illustrissimo Prelado escrevendo a Historia
Ecclesiastica de Braga.* Sahio ao princi-
pio da primeira parte desta obra. Braga
por Manoel Cardoso. 1634. fol. Co-
meça

*Qui studio, ingenioque suo tibi Brachara
nuper*

Hesperie asseruit jura suprema mitræ:

Delle se lembra Joan. Soar. de Brit.
Theatr. Lusit. Litter. Lit. F. n. 61.

P. FRANCISCO PIRES natural da
Villa de Celorico em o Bispado da Guar-
da , e Religioso da Companhia de JESUS
cuja Roupeta recebeu em o Collegio de
Coimbra a 24. de Fevereiro de 1548. In-
flamado no zelo da salvaçaõ das Almas
foy hum dos celebres Operarios que no
anno de 1550. partiraõ de Lisboa para o
Brasil a cultivar taõ dilatada vinha. A's
suas ardentes oraçoens se deve a fonte de
agua , que rebentou debaixo do Altar de

Nossa Senhora da Ajuda situado na Capi-
tania do Porto Seguro hum dos mais de-
votos Sanctuarios que se veneraõ na Ame-
rica o qual foy edificado por sua incansa-
vel diligencia. Foy Reytor do Collegio
da Bahia onde depois de exercitar as obri-
gaçoens de Varaõ Apostolico das quaes
para a sua immortal gloria faz huma larga
narracaõ o V. P. Jozè de Anchieta Thau-
maturgo daquella Regiaõ , espirou pla-
cidamente a 12. de Janeiro de 1586. Mere-
cidos encomios lhe tributaõ *Cardos. Agiol.
Lusit. Tom. 1. p. 120.* e no Cõment. de
12. de Jan. letr. H. Telles *Chron. da Com-
panh. de JESUS da Prov. de Portug.
Part. 1. liv. 3. cap. 13. §. 5.* Orland. *Hist.
Societ. lib. 11. n. 76.* Vasconcel. *Chron.
da Comp. de JESUS no Estad. do Brasil.
liv. 2. §. 70. e 71.* Franco *Imag. da Vir-
tud. em o Nov. de Coimb. Tom. 2. liv. 2.
cap. 17. §. 4.* e no *Ann. Glorios. S. J. in
Lusit. p. 21.* Escreveo

*Cartas Annuas aos Padres da Provin-
cia de Portugal* escritas na Bahia a 17. de
Setembro de 1552. Sahiraõ com outras
vertidas em Italiano. Venetia por Tra-
mezino. 1559. 8.

*Cartas escritas da Capitania do Espiri-
to Santo ao P. Manoel da Nobrega em o
anno de 1558.* Sahiraõ em Italiano Vene-
tia por Tramezino. 1562. 8.

*Carta em que relata a Vitoria que al-
cançaraõ as nossas Armas dos Indios de
Paragoacù a 2. de Outubro de 1559.* M. S.

*Carta escrita da Capitania de S. Vi-
cente a 22. de Outubro de 1559.* M. S.
Estas duas ultimas Cartas se conservaõ no
Archivo da Casa Professa de S. Roque
desta Corte.

**Fr. FRANCISCO DA PORTA
DO CEO** naceo em o lugar de Tuyfreo
Freguezia de S. Pedro de Farinha podre
do Bispado de Coimbra onde recebeu a
graça bautismal a 15. de Fevereiro de
1693. sendo filho de Antonio Joaõ , e
Thereza Ribeira. Instruido nos preceitos
da lingua Latina recebeu o penitente Ha-
bito do Serafico Patriarcha em o Conven-
to do Porto a 5. de Julho de 1715. De-
pois de frequentar os estudos escholasti-
cos nos Conventos de S. Francisco de
Guimaraens , e da Ponte de Coimbra se
lhe

lhe passou Patente de Prégador em o anno de 1723. Pela sua religiosa modestia exercita actualmente o lugar de Cômiffario dos Treceiros do Convento de Alanquer. Escreveo

Novena de Nossa Senhora do Capitulo Imagem milagrosa, e venerada no Santo, e Real Convento de S. Francisco da Villa de Alanquer ordenada por nove clausulas do seu Hymno que principia O' gloria das Virgens, que esta Senhora revelou a hum Noviço do dito Convento lhe era muito agradavel. Lisboa por Pedro Ferreira 1731. 24.

Fr. FRANCISCO DO PORTO cujo apellido denota a patria em que naceo, Religioso Professo da Serafica Provincia dos Capuchos de Santo Antonio onde se applicou à lição da Sagrada Escriitura em que sahio insigne, escrevendo

Cômentaria in librum Judicum. fol. M. S. Conserva-se o Original na Bibliotheca dos Capuchos de Santo Antonio desta Corte onde o vimos.

D. FRANCISCO DE PORTUGAL primeiro Conde do Vimioso Senhor de Aguiar, Cômendador de Calvedo na Ordem de Christo illustrou com o seu feliz nascimento a Cidade de Evora. Foy filho natural de D. Affonso de Portugal Bispo de Evora, e Neto do primeiro Marquez de Valença primogenito do primeiro Duque de Bragança, merecendo em todo o Reyno a mayor veneração assim pelo claro espendor da sua ascendencia, como pelas virtudes moraes, e heroicas com que se ornou o seu grande espirito. Atendendo ElRey D. Manoel aos seus merecimentos, que se faziaõ mais estimaveis pelos vinculos do parentesco o creou Conde a 2. de Fevereiro de 1515. com outros generosos indultos, que lhe formaõ à sua Casa. Acompanhou a este Monarcha quando passou a Castella a ser jurado Principe daquella Coroa, e o mesmo obsequio praticou na occasião que a Emperatriz D. Izabel se despozou com o Cezar Austriaco ao qual visitou por ordem delRey D. Joaõ o III. Do intrepido valor que lhe animava o peito deo repetidos argumentos em Africa militando em Ar-

zila com outenta Infantes, e cincoenta Cavallos onde em varios combates experimentaraõ os barbaros os fulminantes golpes da sua espada. Restituído ao Reyno acompanhou ao Duque de Bragança D. Jayme na celebre expedição de Azamor cômecendo-lhe o Duque depois de conquistada esta Praça o cuidado da sua Casa, e familia que nella deixava por ser obrigado de huma enfermidade a retirar-se com grande presteza. Igual ao valor que ostentou como Soldado na Campanha, era a prudencia que praticou como politico na Corte. A grave madureza, e summa penetração do seu juizo se admiravaõ na prompta expedição dos mayores negocios, que pertenciaõ ao Officio de Vedor da Fazenda que exercitou em os Reynos dos Reys D. Manoel, e D. Joaõ III. Observante dos dictames do Evangelho, e oposto aos Aforismos de Tacito eraõ sempre os seus votos mais religiosos, que politicos de tal modo que pelo soberano testemunho delRey D. Joaõ o III. afirmava delle que quando votava na presença do Rey da terra tinha no seu pensamento a veneração a outro mayor Rey qual era o do Ceo. Foy naturalmente generoso cuja virtude deixou hereditaria na sua grande Casa sendo a profusão que usava para remedio da pobreza, e naõ para argumento da vaidade. Varias vezes lhe succedeo voltar para casa com a bolsa vazia em beneficio dos pobres, que levava cheya de ouro, e prata. A mesma piedosa liberalidade usou lançando occultamente de noute tres mil cruzados no cofre da Misericordia por lhe constar que estava exhausto. Naõ foy menor o dispendio que fez no Convento de Santa Catherina de Sena de Religiosas Dominicadas em a Cidade de Evora para o qual lhe deo o sitio com tanto desinteresse, que unicamente se contentou com o Padroado da Capella mór. Foy muito devoto da Oração, e observante do jejum. Frequentemente se confessava, e cômungava. Fez hum voto a Deos de nunca negar o que se lhe pedisse por seu amor. Ao criado mais grave da sua casa encomendava a pia occupação de enfermeiro assim da sua Familia, como Parochia para assistir aos enfermos com o duplicado socorro de rem

dios, e alimentos. Cultivou desde os primeiros annos a Poesia em que fez admiraveis progressos na mayor idade. Pelas solidas, e agudas sentenças, que proferio, e escreveu alcançou a nobre antonomasia de *Cataõ Portuguez* as quaes sem declarar o author, repetia a pessoas illustres para lhes increpar modestamente os defeitos. Naõ houve Vassallo em seu tempo que lograsse mais distintas estimaçoens de seus Principes como elle, de que saõ irrefragaveis testemunhos as cartas de D. Joaõ o III. da Emperatriz D. Izabel, dos Infantes D. Luiz, e D. Duarte escritas do proprio punho onde o tratavaõ com o inestimavel titulo de Primo. Mayor honra recebeu quando no letigio que teve com o Conde de Penella D. Affonso de Vasconcellos sobre qual era mais propinquo no parentesco à Caza Real para preceder nos Actos publicos, firmasse a sentença a seu favor a Magestade delRey D. Joaõ o III. com os Infantes D. Luiz, e D. Henrique, e cinco Ministros de conhecida sciencia, e integridade a tempo que esta formalidade havia muitos annos estava extincta entre os Reys de Hespanha. Foy Camareiro mór dos Principes D. Manoel, e D. Joaõ filhos do Serenissimo Rey D. Joaõ o III. sendo igual a taõ honorifico lugar a carta que lhe passou. Desta taõ authorizada occupação se despedio com exemplo pouco practicado entre os Palacianos, e parecendo-lhe que era mayor acção naõ sómente deixar o serviço do Paço mas tambem a assistencia da Corte se retirou para o sitio de Belém onde prevenido com actos religiosos para o ultimo instante da vida a finalizou piamente em a Cidade de Evora a 8. de Dezembro de 1549 *baltando* (como discreta, e elegantemente escreve o Illustrissimo, e Excellentissimo Conde do Vimioso herdeiro do Titulo, e virtudes deste insigne Heroe na *Instrução para seu filho primogenito D. Francisco Jozè Miguel de Portugal* pag. 13.) *para inferir-se a felicidade da hora considerar-se a santidade do dia em que espirou.* Foy com excessõ sentida a sua morte principalmente pelos pobres cujos clamores eraõ lastimosos pregoeiros da sua compassiva liberalidade. Jaz em Sepultura raza no meyo da Capella mór do Convento de

Nossa Senhora da Graça da Cidade de Evora cujo Padroado lhe deo a Magestade de D. Joaõ o III. com este breve Epitafio

Aqui jaz D. Francisco de Portugal Conde do Vimioso por amor de Deos hum Pater Noster, e huma Ave Maria por sua alma. Falleceo a VIII. do mez de Dezembro de M. D. XLIX.

Foy duas vezes cazado, a primeira cõ D. Brites de Vilhena filha de Ruy Telles de Menezes quinto Senhor de Unhaõ, Mordomo mór da Rainha D. Maria, e da Emperatriz D. Izabel, Governador da Casa do Infante D. Luiz seu Camareiro mór, e Guarda mór, e de D. Guiomar de Noronha filha de D. Pedro de Noronha Senhor do Cadaval, e Mordomo mór delRey D. Joaõ o II. e seu Embaxador a Roma da qual teve D. Guiomar de Vilhena, que cazou com D. Francisco da Gama segundo Conde da Vidigueira Almirante da India Oriental, e Estribeiro mór delRey D. Joaõ o III. filho do famoso Heroe D. Vasco da Gama, e de D. Catherina de Attaide de que ha numerosa descendencia. Passou a segundas vodas com D. Joanna de Vilhena sua Prima segunda filha do Senhor D. Alvaro filho de D. Fernando primeiro do nome Duque de Bragança do qual era bisneto, e de D. Filippa de Mello Condessa de Olivença, e de taõ augusto matrimonio sahiraõ D. Affonso de Portugal que lhe succedeo na casa, D. Joaõ que foy Bispo da Guarda, e D. Manoel Embaxador a Castella, que cazou a primeira vez com D. Maria de Menezes filha de D. Henrique de Menezes, Cõmendador da Idanha a Velha, Governador da Casa do Civil, e Embaxador a Roma de quem teve quatro filhos. Passou a segundas vodas com D. Margarida de Mendoça Corte Real, Senhora do Morgado de Val de Palma na Ilha Treceira filha de Manoel Corte Real Senhor da Capitania de Angra na dita Ilha, e de D. Brites de Mendoça Dama da Rainha D. Catherina da qual teve unica a D. Joanna de Mendoça Corte Real a qual cazou com D. Nuno Alvres de Portugal, Governador do Reyno seu primo com irmaõ de cujo consorcio houve descendencia. Fazem illustre memoria do

do Conde D. Francisco os nossos Chronistas, e outros graves Escritores. Garcia de Resende *Chron. de D. João o II. cap. 55. Homem de muito preço, e grande estima, de muito credito, e authoridade muy sezudo, e prudente, e de muito bom conselho.* Damiaõ de Goes *Chron. do Princip. D. João cap. 17. a quem com razaõ podemos chamar hum Cataõ Censorino porque tal ho foy elle vivendo em saber, e prudencia, assi nas cousas da paz quomo nas da guerra, quomo nos Conselhos dos Reys que servio, e na Chron. del Rey D. Manoel Part. 4. cap. 85. Andrada Chron. del Rey D. João o III. Part. 4. cap. 38. Osor, de reb. Emmanuel. lib. 9. *cujus insignis nobilitas erat cum non mediocri laude prudentiæ conjuncta.* Maris *Dialog. de var. Hist. Dialog. 5. cap. 3. Imhof. Stem. Reg. Lusit. pag. 32. e 43. Coelho Chron. da Ord. do Carm. liv. 1. cap. 20. Foy muy esclarecido em prudencia, Cavallaria, e todo o genero de virtudes, pessoa de muita verdade com seu Rey do qual com grande razaõ foy muy estimado, e juntamente com isto era muy justo com todos, e piedoso com os pobres em tanto que era delles chamado Procurador seu.* Fr. Ant. da Purif. *Chron. da Prov. dos Erim. de Sant. Agost. liv. 7. Tit. 6. q. 3. deixando geral fama de Principe Christianissimo.* Toscano *Parallel. de Var. Illust. cap. 125. Foy Varaõ de muito grande governo, confiança, authoridade, verdade, e cortezia por o qual alcançou grandes cargos, e officios nas Cazas Reaes ... era naturalmente eloquente, e cheyo de excellentes sentenças.* Salaz. *Hist. Geneal. de la Casa de Sylva Part. 2. liv. 9. cap. 2. Faria Comment. ás Lusiad. de Cam. Part. 1. pag. 54. El Conde de Vimioso D. Francisco de Portugal gran voto en estos estudios (falla da Poesia) Joan. Soar. de Brito *Theatr. Lusit. Litter. lit. F. n. 62. Fonsec. Evor. Glorios. pag. 346. As suas palavras eraõ apothemas, os seus conselhos oraculos.* Souza *Hist. Gen. da Caz. Real Portug. Tom. 3. liv. 4. cap. 5. e 15. e no Tom. 10. liv. 10. cap. 3. pag. 551. Varaõ grande, Sabio, prudente ornado de tantas virtudes que naõ he facil distinguir na que mais se excedeo. Por ordem, e diligencia de seu Neto D. Henrique de Portugal* Tom. II.**

tugal sahio à luz publica

Sentenças de D. Francisco de Portugal primeiro Conde do Vimioso derigidias à Nobreza deste Reyno. Lisboa por Jorge Rodrigues 1605. 12.

Em huma Carta de D. Antonio de Attaide Neto do grande D. Antonio de Attaide Conde da Castanheira, e valido del Rey D. João o III. escrita de Alcobaca a 10. de Janeiro de 1601. impressa ao principio desta obra em que persuade a D. Henrique de Portugal publique as sentenças de seu Avó D. Francisco de Portugal, faz o seguinte Elogio a este Heroe. *Rendeo na guerra os inimigos com esforço, na paz os competidores com entendimento, na Corte os galantes com estilo, emfim naceo com pouca fazenda sendo por linha masculina Tresneto del Rey D. João o I. e pela feminina do Condestabre D. Nuno Alvres por cujo valor o mesmo Rey alcançou o Reyno, e o titulo de gloriosa memoria, mas de modo servio os Reys, D. Manoel, e D. João o III. seus Reys, e seus Tios que mereceo igualaremhe o Estado com o Sangue instituindo essa Casa do Conde do Vimioso, que durará assi grande para sempre pois a deixou cheyá de Vassallos com muitos contos de renda, e asás rodeada de successores, e fundada sobre merecimentos pessoaes, que são mais seguros alicesses, que os da valia. Naõ temos cousa sua que mais no lo reprezente, que as suas sentenças pelas quaes no mundo que pode ser, alcança a immortalidade.*

Obras Poeticas assim Portuguezas, como Castelhanas. (Sahiraõ impressas no *Cancionario de Garcia de Rezende. Lisboa por Hermaõ de Campos. 1516. fol. a fol. 79. atè 86. 144. 145. 150. vers. 153. 175. e 182.* Glossa ao Mote

Já naõ posso ser contente. Glossa às Redondilhas compostas por Francisco de Sã, e Menezes primeiro Conde de Matozinhos de quem adiante se fará a merecida memoria. Começaõ

*A tudo quanto dezejo
Acho atalhadas as vias
Intentos, e Fantezias:
Muy mal caminho vos vejo.*

1.)

Que grande
esperança
he
cuidarCfr. Souza
534Vulgar
que morr
1518

in 249

D. FRANCISO DE PORTUGAL filho primogenito de D. Affonso de Portugal segundo Conde do Vimioso, Vedor da Fazenda delRey D. Joaõ o III. Conselheiro de Estado delRey D. Sebastiaõ, e de D. Luiza de Gusmaõ filha de Francisco de Gusmaõ Mordomo mór da Serenissima Infanta D. Maria, e de D. Joanna Blasfet Camareira mór da mesma Infanta, naceo em a Cidade de Evora onde recebeo as instruçoens dignas de seu alto nascimento as quaes comprehendeo com brevidade, practicou com excellencia, sendo igualmente destro no exercicio da Cavallaria, e no jogo da espada, como insigne na arte da Pintura. Naturalmente foy inclinado à Poesia servindo-lhe muitas vezes a sua cultura de lenitivo às molestias, que tolerou nas suas peregrinaçoens. Soube com perfeição a lingua Hebraica, e não só fallou, mas escreveo com elegancia a Grega, Latina, Franceza, Castelhana, Italiana, e Materna compondo de todas ellas hum Soneto, que na Portugueza traduzio Fernando Alvares do Oriente, e o imprimio na sua *Lusitania Transformada*. Como o seu heroico coração se animasse com os beliciosos espiritos de seus dous Augustos Avós D. Joaõ o I. e o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, que na Conquista de Ceuta fecharão as portas à nova irrupção dos Mouros contra Espanha, querendo coroar-se nesta Região com as palmas de novos triunfos acompanhou a ElRey D. Sebastiaõ na infeliz jornada de Africa onde sacrificando as vidas em obsequio da fidelidade seu Pay, seu Irmão D. Manoel de Portugal, e seu Sobrinho D. Joaõ, se salvou daquelle fatal diluvio em que naufragou a Nobreza deste Reyno para se expor a novos infortunios. No tempo que esteve cativo mostrou, que a piedade do seu coração era igual à generosidade de seu animo concorrendo com devota profusão para todos os exercicios da Religião Christãa, repartindo copiosas esmolas, dando meza publica a todos os Cativos dos quaes resgatou mais de cem à sua custa. Estas virtudes lhe conciliarão o respeito dos mesmos barbaros, e até o amor menos sincero da Sobrinha do Imperador de Marrocos o qual offerecendo-

lhe a liberdade em obsequio de Filippe II. a regeitou dizendo com animo resolutivo, que sómente por intervenção delRey D. Henrique, que reynava em Portugal aceitaría aquella oferta, e nunca pela mediação de Castella pois antes queria passar toda a vida no infeliz estado de Cativo do que restituir-se à Patria com condição tão injuriosa. Satisfeito o barbaro com vinte mil cruzados, que lhe deo pela sua liberdade passou a Tetuaõ onde se obrigou ao resgate de muitas pessoas Nobres dispendendo em anno e meyo, que assistio em Africa mais de cem mil cruzados, não sendo ainda Senhor da Casa de que era herdeiro. Acompanhado das pessoas que libertara chegou a Ceuta donde entrando em S. Lucar o estava esperando o Duque de Medina, e Sidonia para lhe persuadir a justiça de Filippe Prudente a esta Coroa, sendo tantas as mercês que lhe prometia, como se na sua Pessoa quizesse conquistar todo o Reyno a quem respondeo com igual liberdade, que prudencia ser aquella proposta injuriosa ao seu nome não sómente porque em Portugal reynava hum Monarcha legitimo, mas porque o mesmo Filippe Prudente lhe havia de condenar a imprudencia de dar successor a hum Rey vivo, e como sempre atendera mais para a gloria da Patria, do que para o augmento da sua Casa cuidaria no modo com que se estabelecesse a paz publica do Reyno. Esta resposta não causou pequeno susto em o animo do Duque o qual uzando com o Conde D. Francisco da distincão de o mandar acompanhar por duas Companhias da guarnição da Cidade a meya legoa as despedio dando mil cruzados aos Capitaens, e semelhante quantia aos Soldados. Restituido a Portugal, e animado de novos espiritos que sempre dedicara em obsequio dos seus Principes não lhe fazendo a mais leve impressão no seu heroico peito a confiscação da sua Casa por Filippe II. nem a indecencia com que sua Mãe, e sete filhas foraõ levadas para a prizaõ do Castello de S. Torcas se declarou acerrimo parcial do Senhor D. Antonio filho do Serenissimo Infante D. Luiz quando se oppoz à successão desta Coroa sendo inseparavel companheiro dos tragicos successos

cessos deste Príncipe imitando neste fidelissimo affecto ainda que com desigual fortuna a constancia de seu preclarissimo Ascendente o Condestavel D. Nuno Alvres Pereira. Com elle se achou na batalha de Alcantara junto a Lisboa, que contra quatro mil homens de gente Collecticia se oppoz o Duque de Alva com vinte mil Soldados de Tropas Italianas, e Flandrianas onde por falta de disciplina, e não de valor, vencidos os Portuguezes sahio o Conde D. Francisco ferido na testa, e seguindo a D. Antonio até a Cidade do Porto se apartou d'elle até que passados seis mezes sabendo, que assistia em França o foy buscar disfarçado com o nome de Trivulcio vestido à Italiana. Acompanhado de seis criados entrou em Madrid onde vio El Rey Philippe, e passando a Catalunha o faudou hum Castelhana que querendo tirar-lhe a vida os criados do Conde para que o não manifestasse lho impedio com generosa clemencia. Chegou a Pariz vestio cem homens a Tudesca armados de alabardas em que mandou gravar as armas de Portugal, e com esta Comitiva chegou à presença do Senhor D. Antonio a quem acclamou Rey de Portugal com geral admiracão daquella tão grande Corte. Com o Character de seu Embaxador pedio socorro à Rainha Regente Catherina de Medicis, que igualmente atendendo à representacão do Ministro, como à importancia do negocio mandou aprestar hum Armada composta de cincoenta Navios, e guarnecida de sete mil homens de que era General Philippe Strozzi onde se embarcou o Senhor D. Antonio com o Conde D. Francisco. Navegando para as Ilhas dos Affores, que seguiaõ a sua facção se avistou com a Armada de Castella composta de cincoenta Galeoens, e doze Gales, que governava D. Alvaro de Bazan Marquez de Santa Cruz, e receando o Conde D. Francisco os animos venaes de alguns Capitaens advertio prudentemente ao Senhor D. Antonio, que se retirasse á Ilha Terceira para se não expor estando embarcado a algum perigo inevitavel. No horroroso combate naval, que durou pelo espaço de cinco horas obrrou acçoens de immortal memoria o Conde D. Francisco até que re-

cebeo nas costas hum violento golpe, que o fez cahir no convez gravemente ferido. Destituído de forças, mas não de acordo ordenou a hum Criado, que promptamente avizasse ao Senhor D. Antonio que se refugia-se a França por estarem desvanecidas as esperanças, que o podiaõ animar. O Marquez de Santa Cruz com affecto de parente, e providencia de General o mandou levar a bordo do seu Navio, e depois de lhe tentar inutilmente a constancia com generosas promessas receoso, que voltando a Hespanha satisfizesse Philippe II. com a Cabeça de tão illustre Heroe a sua vingança lhe anticipou a morte com veneno disfarçado em hum remedio preciso, cuja violencia o privou da vida a 26. de Julho de 1582. digno certamente de mais larga vida, e fim mais glorioso. Foy lançado ao mar o Cadaver em hum caxaõ sendo pequeno espaço todo o ambito das suas aguas para mausoleo de tão insigne Varaõ. Não foy cazado deixando nas suas gloriosas acçoens a mais illustre descendencia como izenta da jurisdicão do tempo. Foy Condestavel do Senhor D. Antonio sendo esta huma das menores semelhanças, que teve com o grande Nuno Alvres Pereira seu Progenitor. Dedicando muitos dos seus versos ás Damas de quem pela sua natural gentileza, e aguda discriçãõ era muito favorecido, nunca contaminou a pureza dos seus pensamentos com algum termo licencioso, que o arguisse de menos modesto. Foy tão inimigo da vaõ-gloria que não consentio ser chamado Conde cujo Titulo tinha por mercè del Rey D. Sebastiaõ, em quanto viveo seu Pay. Fallando da sua Pessoa Jeronymo de Mendoza *Jornada de Africa* cap. 16. lhe faz o seguinte Elogio. *Os Fidalgos, que estavaõ no Derbe se agazalhavaõ em camaradas conforme ao parentesco, ou amizade que entre elles havia, alguns se acomoda, raõ em caza de D. Francisco de Portugal filho do Conde de Vismioso forçados da sua afabilidade, e cortesia, onde havia Missa todos os dias, e pregaçoens a seu tempo, que era esta a primeira cousa em que punha o cuidado, alem de ser amparo, e refugio a todo o homem nobre em Berberia; mas que podia saltar a quem das melhores partes*

partes tinha tudo. Luiz de Torres Lima *Aviz. do Ceo. Tom. 1. cap. 35. lhe chama monstro de esforço, e de Cavallaria. Conestagio Histor. del union. del Regn. di Portug. liv. 9. Era Giovane dotato di buone parti del corpo, e de ll' animo, sentirono la morte sua. coloro che lo conoscevano perche naturalmente era amabile. Le Clede Hist. Gen. di Portug. Tom. 2. pag. mihi 140. col. 1. Jeune brave. Fonsec. Evor. Glorios. pag. 412. Cordeiro Hist. Insul. liv. 6. cap. 26. Das muitas Poefias, que compoz, merecem distinta memoria, e grande estimação as Trovas com que judiciosamente increpava a ElRey D. Sebastião do intento de passar a Africa distribuidas em tres Poefias, que intitulou *Avizo primeiro de Franco, a Sebastião*. Consta de trinta ramos de que o primeiro he o seguinte.*

Pide a tu juizio cuenta

Zagal de ti descuidado

Que se te pierde el ganado

Y piensas, que se acrecienta:

Trahes cercados de engaños

La vida, lo feso, y años

De sueños y de locuras;

Perderás, si nõ locuras

Tu poder y tus rebaños.

Segundo avizo de Franco a Sebastião, que se deu a ElRey D. Sebastião em Evora a 24. de Dezembro de 1572. Começa, e consta de 14. ramos da fórmula seguinte.

Dizen que piensas bolver

Al mal que se recelava

Para que se algo quedava

Se acabasse de perder;

Mas yõ como verdadero

Amigo y nõ lizongero

Otra vez te he de avizar;

Puedes lo tan mal tomar

Como tomaste el primero.

Terceiro avizo dado a ElRey D. Sebastião em Evora na Quaresma do anno de 1573. Consta de trinta ramos de que o primeiro he o seguinte.

Haõ Pastor tu porventura

Duermes, di? õ estás despierto!

Si duermes es desconcierto;

Si nõ duermes es locura.

Muda muda yá el pelejo,

Nõ desprecies el consejo

De tu buen amigo Franco;

Que de verte errar el blanco;

Si le haze el rostro bermejo.

Dezaseis Outavas a hum Amigo. Começaõ

Si mover yá la pluma nõ dá pena.

Acabaõ

Dõ se recibe el ultimo sociego.

D. FRANCISCO DE PORTUGAL Sahio. à luz do mundo em a grande Cidade de Lisboa para cõmunicar novo esplendor aos seus descendentes se õ naõ herdara taõ esclarecido dos seus Maiores, sendo filho de D. Lucas de Portugal Cõmendador da Fronteira na Ordem de Aviz, Senhor do Prazo da Marinha, e D. Antonia da Sylva filha de D. Antaõ de Almada Capitaõ mór de Lisboa, e Neto de D. Francisco de Portugal Estribeiro mór delRey D. Sebastião, Vedor da sua Fazenda, do seu Conselho de Estado. Nos primeiros annos se applicou ás Artes dignas do seu nascimento como eraõ jogar as armas, manejar os Cavallos, tocar varios instrumentos regulados pelos preceitos da Musica, e cultivar as flores da Poesia para a qual o dotou taõ prodigamente a natureza, que excedeo aos maiores Corifeos do Parnafo Castelhana assim na a fluencia das vozes, como na subtiliza dos conceitos, retratando taõ fielmente nos versos o seu espirito, que aquelles que se publicavaõ sem o seu nome eraõ logo conhecidos por partos da sua Musa. Passando a Madrid frequentou o Palacio de Philippe III. onde foy applaudido, e estimado pelo mais discreto Cortezaõ daquela idade causando respeito aos inferiores, enveja aos iguais, e admiração aos maiores. Entre todos se distinguia na pompa, e boa eleição dos vestidos, que trajava, posto que a fazenda que possuia naõ era correspondente à sua qualidade. Ninguem podia competir com elle assim na urbanidade do trato, como na promptidaõ das repostas, e agudeza de ditos, que sendo muitos jocosos nunca degeneraraõ em pueris. Naõ foy menos illustre na Corte, que na Campanha, como o manifestaõ as varias occasioens em que embarcando nas Armadas do Reyno tres vezes ocupou o lugar de Capitaõ; a primeira na Armada de que era General **D.**

D. Affonso de Noronha, e as duas exercitando este posto D. Antonio de Attaide. Naõ satisfeito o seu heroico coraçãõ com estas expediçoens militares se embarcou na Armada da Restauraçãõ da Bahia no anno de 1624. movido da gloria, e zelo da Patria onde valendo-se os Olandezes do nõsso descuido fizeraõ huma sahida à qual se oppoz taõ intrepidamente, que rompendo ao inimigo por entre hum diluvio de balas o obrigou a que largasse ignominiosamente o campo semeado de cadaveres, e instrumentos militares de cujos despojos offerecendo-lhe huns mosquetes primorosamente fabricados os naõ accitou dizendo, que naõ eraõ dignas de hum Capitaõ as Armas, que deixara a cobardia, e naõ o valor. Voltando da Bahia para Portugal se embarcou na Almirante a qual pela furia das tempestades desfituida de mastros, e quasi aberta chegou à Ilha do Fayal, e resolvendo o Almirante representar ao Governador o imminente perigo em que se achava foy eleito para esta cõmissãõ D. Francisco o qual advertindo que o Ceo condensado prometia a ultima derrota à Nãõ para que hia pedir socorro, e nella acabariaõ lastimosamente os seus companheiros, e elle salvar-se, recusou com animo heroico o apartar-se da sua amavel companhia em cujo obsequio queria sacrificar a vida. Foy mandado à India por tres vezes com o posto de Capitaõ mòr, e em todas se escusou deste lugar igualmente honorifico que rendoso por motivos dignos da sua Pessoa. Desenganado de receber premio capaz dos seus merecimentos, deixou o serviço do Principe da terra para totalmente se dedicar ao culto do Supremo Monarcha, que remunera com eternas felicidades, e posto que desde a primeira idade cultivasse as virtudes, em a ultima as exercitou mais religiosamente. Era extremosamente charitativo para os pobres, severamente cruel para o seu corpo, e summamente urbano para todo o genero de pessoas. Poucos dias antes da sua morte estando em o Convento de S. Francisco da Cidade cujo penitente habito da Terceira Ordem professara, e como Ministro della estava exercitando com summa humildade este lugar, foy a cõmeti-

do de hum grande desmayo causado da debilidade a que o reduziaõ as penitencias, e sendo promptamente focorrido pelos circunstantes a o dezapertarlhe os vestidos o viraõ cingido com hum aspero cilicio que costumava trazer havia muitos annos. Com taõ religiosas virtudes se preparou o seu espirito para a eternidade o qual depois de recebidos os Sacramentos com grande piedade passou a gozar da patria celeste a 5. de Julho de 1632. com 47. annos de idade. Foy depositado o seu Cadaver (como tinha disposto no Testamento) na Capella dos Terceiros de S. Francisco de Lisboa donde passados alguns annos se tresladou para o Convento de Santo Antonio da Villa da Fronteira da Provincia da Piedade de que era Padroeiro. Teve a estatura mediana, e bem porporcionada, cabello negro, barba povoada, rosto alvo, e gentil, olhos vivos, e taõ ayroso a pè como a cavallo. Cazou com D. Cecilia de Portugal filha de Antonio Pereira de Barredos, Comendador de S. Joãõ da Castanheira, e de S. Gens de Arganil na Ordem de Christo, Governador, e Capitaõ General da Ilha da Madeira, e da Praça de Tangere, e General perpetuo da Armada de Portugal, e de D. Mariana de Portugal. Deste matrimonio teve numerosa descendencia como foy D. Lucas de Portugal digno filho de taõ grande Pay, Comendador da Fronteira, e Mestre Sala do Palacio de quem em seu lugar faremos mençãõ: D. Antonio de Portugal Religioso da Ordem dos Prègadores: D. Diogo de Portugal, que morreo no infeliz naufragio de Tristaõ de Mendoça: D. Lourenço de Portugal Cavalleiro da Ordem de Malta: D. Carlos de Portugal Religioso da Ordem Militar de JESUS Christo: D. Maria de Portugal, que se desposou com D. Paulo da Gama, Primo com Irmaõ de seu Pay, e D. Mariana, e D. Magdalena que naõ cazaraõ. A sua vida escreveo na lingua materna Francisco Luiz de Vasconcellos reduzida a hum breve, e elegante epitome em que representou sõmente a figura de taõ grande Heroe, e sahio impressa por ordem de D. Lucas de Portugal com as obras posthumas de seu Pay eternizando por este modo a sua memoria

moria mais perdurável pelo privilegio da escritura, do que se a gravasse na dureza dos marmores, e dos bronzes, e sahiraõ com este titulo

Divinos, e humanos Versos. Consta de Sonetos, Cançoens, Motes, Redondilhas, Sextinas, Outavas, e Romances em Portuguez, e Castelhana. No fim tem outra obra intitulada

Prizoens, e soíturas de huma Alma. Consta de Prosa, e Verso. Huma, e outra sahiraõ em hum Tomo. Lisboa na Officina Craesbeeckiana. 1652. 4.

Arte de galantaria. Lisboa por Joaõ da Costa 1670. 4. & ibi por Antonio Crasbeeck. de Mello. 1683. 8. Consta de Verso, e Proza Castelhana, e Portugueza.

Na Bibliotheca do Cardeal de Souza, que hoje possui o Illustrissimo, e Excellentissimo Duque de Lafoens se conservaõ muitas obras Poeticas de D. Francisco de Portugal ornadas de termos galantes, e pensamentos discretos sendo entre ellas a mais estimavel

Discurso a Ave chamada Solitario.

Começa

Cidadaõ de ty mesmo, que suave

Nas lizonjas dessa gloria te aplicas

Acaba

Entre alegres louvores te derrama

E acclamaçoens de Celia tudo chama.

Naõ he inferior a esta obra a *Fabula burlesca de Iphis, e Anaxarte*, que principia

Senhora Celia pois que meus gemidos

Naõ ferem vosso peito

Nem minha dor vos passa dos ouvidos.

Varios foraõ os Elogios com que diversos Escriitores applaudiraõ o seu talento sendo entre elles o mais celebre D. Francisco Manoel de Mello na *Carta dos Autores Portuguezes* escrita ao Doutor Themudo. Juntou á descriçaõ as boas partes, e fez raramente caber juntas as gentilezas de Cortezaõ com as consideraçoes de devoto, e mais largamente no Tomo das suas *Cartas Familiares* Centur. 2. cart. 91. escrita a seu filho D. Lucas de Portugal. A locuçaõ sobre ser bem fielmente *Castelhana he florida, e mysteriosa.* Ajunta com raridade a decencia com que goza da graça, e da doutrina, e de tal maneira que se naõ desvia daquelles dous fins para que

a *Poesia foy inventada.* *Assi persuade, assi deleita, assi ensina.* Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 252. col. 1. *disertus Poeta.* Macedo *Eva, e Ave* Part. 1. cap. 13. n. 13. *Illustre Cortezaõ.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter.* lit. F. n. 63. *Urbanitate aulica celebratissimus.* D. Antonio Caetano de Souza *Hist. Gen. da Caf. Real Portug.* Tom. 10. liv. 10. cap. 4. pag. 610. *Foy muy entendido grande Cortezaõ, e Poeta.* Jacinto Cordeiro *Elog. dos Poet. Lusit.* Estanc. 10.

Discreto a D. Francisco sigo, en tanto Portugal sin igual, cuyo sentido Para la elevacion moviendo espanto El ingenio mas alto y presumido.

Imitar presumi tu heroico canto

Que imposible me fue? Quedo vencido; Icaro quise ser de tal sugeto

Que nõ puede imitarse en lo discreto.

O P. Antonio dos Reis *Enthuf. Poet.* n. 54.

Nec Francisce tui resonantis carmana plectri

Tinnula præteream surdus: Te sacra prophanis

Sed procul à culpa mis centem exornat Apollo

Fronde sibi propria.

D. FRANCISO DE PORTUGAL
 Outavo Conde do Vimioso, e segundo Marquez de Valença Senhor da Casa de Basto, Donatario da Capitania de Machico na Ilha da Madeira, Cômendador das Cômendas de S. Miguel de Chorense, S. Tiago de Androes, S. Martinho de Sandede, S. Miguel de Souto, S. Nicolao de Saleas da Ordem de Christo, e de Almodouvar, e Garvaõ no Campo de Ourique da Ordem de S. Tiago. Naceo em a Cidade de Lisboa a 25. de Janeiro de 1679. sendo filho de D. Miguel de Portugal sétimo Conde do Vimioso, Senhor da Villa de Aguiar, Governador de Evora, e Estribeiro mór da Rainha D. Maria Francisca Izabel de Saboya, e neto de D. Afonso de Portugal quinto Conde do Vimioso, primeiro Marquez de Aguiar, Capitão General do Reyno, e Conselheiro de Estado. Por morte de seu Excellentissimo Pay foy educado com virtuosas maximas até a idade de onze annos por sua
 Tia

Tia a Condeffa D. Maria Margarida de Castro, e Albuquerque huma das mais celebres Matronas, que respeitou a noſſa Corte a quem deixou igualmente herdeiro dos dotes do ſeu espirito, como da opulencia da ſua Caſa. Logo que começou a receber as primeiras inſtruçoens da lingua Latina, e letras humanas foraõ tantos os progrefſos do ſeu agudo engenho, e penetrante comprehenſão, que claramente mostrou nacera mais para enſinar, do que para aprender. Tendo alcançado a perfeita intelligencia das linguas mais polidas da Europa estudou com particular atenção a materna a qual escreve com pureza, falla com elegancia ſendo taõ eſcrupuloſo cultor das ſuas palavras, que nunca para ſe explicar admitio o menor termo dos idiomas eſtrangeiros. De todas as artes liberaes unicamente frequentou como mais propria de Cavalhero o manejo dos Cavallos em cujo exercicio foy taõ desembaraçado, como ayroſo. Ao continuo estudo de ſeis horas cada dia obſervado pelo largo eſpaço de vinte e cinco annos deveo o vaſtiſſimo conhecimento da Filologia deleitando-ſe o ſeu genio em a lição dos Poetas, e Hiftoriadores do Seculo de Auguſto, e de outros Eſcritores, que felizmente uniraõ a elegancia da fraze com a verdade da narraçãõ. As ſuas litterarias produçoens ſempre foraõ respeitadas por incomparaveis, aſſim pela novidade da idea, como pela ſubtileza do diſcurſo, e pureza do eſtilo. Nas Cartas Familiares naõ ſõmente imitou, mas excedeo na fineza dos pensamentos a Seneca escrevendo a Lucillo, e a Plinio a Trajano. Toda a facundia de Cicero, energia de Pericles, e eloquencia de Demosthenas ſe admiraõ mais vigorosamente animadas nos Diſcurſos, e Oraçoens, que recitou fóra, e dentro da Academia Real da Hiftoria Portugueza onde foy Academico, e Cenſor, naõ havendo aſſumpto Feſtivo, ou Funebre, Moral, ou Politico, Civil, ou Militar, que naõ foſſe profundamente deſcrito pela ſua penna ſempre fecunda de conceitos finos, razoens concludentes, e agudas ſentenças. Correſpondeo à profundidade do juizo a magnificencia do coração igualmente pio, que generoſo ſendo eternos padroens de-

Tom. II.

ſta heroica profuçaõ, deſaſeis mil cruzados, que diſpendeo quando por ordem delRey D. Pedro II. aliſtou Soldados no Termo de Torres Vedras, e Alanquer, deſaſete mil cruzados ſendo Provedor da Meza da Miſericordia, tres mil cruzados para remedio dos prezos, e outras ſomas de grande importancia no religioſo culto de Deos, e de ſua Mãy Santiffima. Com animo inperturbavel vio arder o ſeu magnifico Palacio a 25. de Novembro de 1726. recebendo neste fatal ſucceſſo particulares honras de Sua Mageſtade, e do Senhor Infante D. Francisco offerecendo-lhe ElRey com incomparavel grandeza o Palacio da Caſa de Bragança, e o Senhor Infante o da Bem-Poſta para ſua habitaçãõ. Teve ſempre a nobre paxãõ de tratar os homens mais inſignes em qualquer arte dos quaes publica o merecimento para o premio, defende o credito contra a censura. Venerador obſervantiffimo dos coſtumes patrios aborrece os eſtranhos como opoſtos à veneravel antiguidade. Sendo dotado de genio brando, e ſuave he rigidamente ſevero nas materias pertencentes à Religiaõ, e ao pun-donor. Ainda que naturalmente benevollo, nunca lizongeo aos que eſtaõ collocados na mayor eſfera da fortuna praticando ſer Cortes para o povo, Civil para a Nobreza, reverente, e izento para os Principes. Cazou com D. Francisca Roſa de Menezes filha do primeiro Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, e da Marqueza D. Luiza Amaro Coutinho de cujo conſorcio teve a D. Jozè Miguel Joaõ de Portugal nono Conde do Vimioſo perfeita copia de taõ grande original: D. Miguel Lucio de Portugal, Conego da Santa Basilica Patriarchal, que laureado Meſtre em Artes pela Universidade de Evora promete na verdura da idade ſazonados frutos em as ſciencias mayores, e D. Thereza Maria Jozefa ornada de tantas virtudes, que excedem o numero dos ſeus annos. Das muitas, e diverſas Obras, que tem compoſto o ſeu fecundo talento ſe fizeraõ publicas por beneficio da Impreſſãõ as ſeguintes

Practica com que congratulou a Academia quando foy admitido por Academico.

Gg

Lis-

Lisboa por Pascoal da Sylva 1723. fol. Sahjo no 3. Tomo da Collec. dos Document. da Academia Real.

Oração com que congratulou a Academia Real da Historia Portugueza pelo feliz nascimento do Senhor Infante D. Alexandre recitada no Paço a 27. de Setembro de 1723. No Tom. 3. da Collec. dos Documentos da Academia. fol.

Oração Panegyrica no felicissimo Cazamento do Serenissimo Senhor D. Jozè Principe do Brasil, e da Serenissima Senhora D. Mariana Victoria Infanta de Castella recitada na presença de Suas Magestades, e Altezas em 13. de Janeiro de 1728. Lisboa por Jozè Antonio da Sylva 1728. fol. No Tom. 3. da Collec. dos Documentos da Academia Real. & ibi pelo dito Impressor 1728. 4.

Oração recitada na Academia Real da Historia Portugueza na ocazião da morte do Serenissimo Senhor Infante D. Alexandre. Lisboa por Jozè Antonio da Sylva. 1728. fol. No Tom. 8. da Collec. dos Docum. da Academia.

Elogio do P. Jeronymo de Castilho da Companhia de JESUS recitado na Academia a 25. de Mayo de 1730. Lisboa por Jozè Antonio da Sylva 1730. fol. No Tom. 10. da Collec. dos Documentos da Academia.

Discurso como deve ser hum Historiador recitado na Academia a 4. de Janeiro de 1731. Lisboa pelo dito Impressor 1731. fol. No Tom. 11. da Collec. dos Docum. da Academia.

Discurso em que se prova quem logra a sabedoria possuiue todas as virtudes recitado na Academia em 21. de Junho de 1731. Lisboa pelo dito Impressor. fol. No Tom. 11. da Collec.

Elogio do P. Pedro de Almeida da Companhia de JESUS recitado na Academia a 3. de Janeiro de 1732. Lisboa pelo dito Impressor. fol. No Tom. 11. da Collec. dos Documentos da Academia Real.

Discurso recitado na Academia Real em 13. de Março de 1732. em que persuade a uniaõ entre os Sabios. Lisboa pelo dito Impressor. fol. No Tom. 11. da Collecção.

Discurso recitado no Paço em 7. de Setembro de 1732. em que prova que a virtu-

de louvada não crece antes se diminua Lisboa pelo dito Impressor. fol. Tom. 11. da Collecção.

Discurso em que defende que este titulo de Heroe se pode dar a hum Varaõ insigne nas letras, e santidade como nas armas oppondo se a quem afirmava, que só competia aos professores das armas recitado na Academia Real a 23. de Abril de 1733. Lisboa pelo dito Impressor. 1733. fol. No Tom. 12. da Collec. dos Documentos da Academia Real.

Elogio do P. D. Manoel Caetano de Souza. Lisboa por Jozè Antonio da Sylva 1734. fol. No Tom. 13. dos Documentos da Academia Real.

Oração recitada no Paço em 7. de Setembro de 1735. dia em que se celebravaõ os annos da Rainha N. Senhora. Lisboa pelo dito Impressor. 1735. 4.

Oração recitada no Paço a 25. de Outubro de 1735. celebrando-se os annos del-Rey N. Senhor. Lisboa pelo mesmo Impressor. 1735. 4.

Elogio Funebre do Excellentissimo Senhor Manoel Telles da Sylva Marquez de Alegrete Secretario da Academia Real. Lisboa pelo mesmo Impressor 1736. 4.

Elogio Funebre do Serenissimo Senhor Infante D. Carlos recitado no Paço em 30. de Abril de 1736. Lisboa pelo dito Impressor. 1736. 4.

Elogio Funebre de Diogo de Mendouça Corte-Real Secretario de Estado recitado no Paço em 17. de Mayo de 1736. Lisboa pelo dito Impressor 1736. 4.

Oração recitada no Paço na ocazião da morte do Serenissima Senhora Infanta D. Francisca. Lisboa por Antonio Isidoro da Fonseca 1736. 4.

Oração recitada no Paço a 7. de Setembro de 1736. em os annos da Rainha N. Senhora. Lisboa pelo mesmo Impressor. 1736. 4.

Oração recitada no Paço a 29. de Outubro de 1736. celebrando-se os annos del-Rey N. Senhor. Lisboa pelo dito Impressor. 1736. 4.

Oração Panegyrica recitada no Paço a 6. de Junho de 1737. nos felicissimos annos do Serenissimo Senhor D. Jozè Principe do Brasil. Lisboa por Miguel Rodrigues Impressor do Senhor Patriarcha. 1737. 4.

II. mo. Voto

Voto recitado na Academia pelo qual se mostra se devem admitir a ella os Estrangeiros. Lisboa pelo dito Impressor 1738. 4.

Oração recitada no Paço pela qual se mostra, que nem os Reys devem filosofar, nem os Filósofos reynar. Lisboa pelo dito Impressor 1738. 4.

Elogio Funebre de Belchior do Rego de Andrade. ibi pelo mesmo Impressor 1738. 4.

Elogio Funebre do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de Tarouca João Gomes da Sylva. ibi pelo mesmo Impressor 1739. 4.

Segundo Elogio Funebre do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de Tarouca João Gomes da Sylva. ibi pelo mesmo Impressor, e anno. 4.

Discurso Apologetico em defesa do Theatro Hespanhol. ibi pelo mesmo Impressor 1739. 4.

Reflexoens à Sacratissima Paixão de JESUS Christo Nosso Senhor. Lisboa pelo dito Impressor 1730. 12.

Emmanueli Tellefio Sylvio Marchioni Alegretensi S. P. D. Sahio esta Carta Latina ao principio dos Epigrammas do mesmo Marquez de Alegrete. Ulyssipone apud Paschalem da Sylva Typ. Reg. 1722. 8. & Hagæ Comitum apud Hadrianum Moetiens. 1723. 4.

Carta escrita ao Duque Estribeiro mór em que o applaude pelas Acçoens ultimas, que escreveu de seu Pay o Duque do Cadaval D. Nuno Alvres Pereira de Mello. Sahio ao principio desta Obra. Lisboa na Officina da Musica. 1730. fol.

Panegyrico de Plinio ao Emperador Trajano traduzido na lingua Portugueza. fol. M. S.

Instrucção que deu a seu filho o Excellentissimo Conde do Vimioso quando foy à Campanha do Alentejo no anno de 1735. 4. M. S.

Cartas a diversos assumptos de que se podem formar hum volume de justa grandeza. M. S. 4.

FRANCISCO DA PRESENTAÇAM natural da Villa de Almada do Patriarchado de Lisboa descendente de Familia Nobre, Conego Secular da Congregação do Evangelista amado onde

Tom. II.

aprendeo as Sciencias Escholasticas em que sahio profundamente versado. Foy Reytor do Collegio de Evora, e no Convento de Lisboa, passou a melhor vida em 10. de Mayo de 1595. Compoz *Traçtatus Theologici.* M. S.

Fr. FRANCISCO DA PRESENTAÇAM natural de Toaõ na India Oriental onde professou o sagrado Instituto dos Erimitas de Santo Agostinho no anno de 1584. O seu talento acompanhado de litteratura o fez digno de que o Estado o elegesse Embaxador a El Rey de Bombaça, e depois ser Prior do Convento de Cochim, e Governador deste Bispado. Impellido do affecto com que amava a sua Religiaõ escreveu no anno de 1622.

Defensorio da Ordem contra o Chronista Serafico Fr. Antonio Daza. Esta Obra se conserva M. S. no Collegio do Povo da Cidade de Goa.

FRANCISCO DA PRESENTAÇAM SALES natural de Santarem, e filho de Doutor Miguel Barbosa Carneiro Juiz de fóra desta Villa, e D. Leonor da Fonseca, e irmão de Fr. Miguel Barbosa Carneiro, Juiz Geral das Ordens, Duzembargador da Casa da Suplicação, Ouvidor da Capella Real, Deputado da Inquisição de Lisboa, e do Tribunal da Mesa da Conciencia, e Ordens. Na idade da adolescencia recebeu a Murça de Conego Secular da Congregação do Evangelista onde floreceo, e frutificou o seu engenho assim nas Cadeiras como em os Pulpitos. A sua prudencia o habilitou para exercitar os lugares de Reytor de Evora, Procurador da sua Congregação na Corte de Lisboa, Visitador do Convento de S. Bento de Xabregas, e Provedor do Hospital Real das Caldas pelo espaço de doze annos. A sua sciencia o fez digno de ser Lente de Theologia Moral em o Convento de S. Bento, Cabeça da sua Canonica Congregação, Qualificador do Santo Officio, e Examinador das Tres Ordens Militares. Ao tempo que para remedio de huma parlezia uzava dos banhos das Caldas da Rainha, deixou a vida caduca pela eterna a 24. de Julho de 1733. Publicou

Gg ii

Ser.

Sermaõ de Nossa Senhora do Valle. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1698. 4.

Sermaõ da Dominga da Sexagesima prègado na Capella Real. Lisboa por Manoel Lopes Ferreira. 1701. 4.

Oraçaõ em acçaõ de graças, que na Capella Real de Nossa Senhora do Populo do Hospital das Caldas celebrou o Excellentiſſimo Duque do Cadaval pela especial noticia que ElRey D. Joaõ o V. lhe cõmunicou de se terem ajustados os felices despozorios da Princeza D. Maria, e do nosso Principe D. Jozè recitada a 11. de Outubro de 1725. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1725. 4.

Theologiæ Moralis Compendium. fol. M. S.

FRANCISCO REBELLO DE AZEVEDO natural da nobre Villa de Guimaraens filho de Gonçalo Rebello, e D. Maria de Andrade, e Azevedo, e Sobrinho do Licenciado Manoel Barbosa que escreveu os doutos Cõmentarios sobre a Ordenaçã do Reyno. Depois que se instruiu na patria com as letras humanas se applicou em a Universidade de Coimbra ao estudo dos Sagrados Canones nos quaes recebendo o grão de Doutor, foy Lente de huma Cathedrilha em 28. de Fevereiro de 1578. donde subio à Cadeira de Sexto em 16. de Novembro de 1581. e a Conego Doutral da Sè de Lisboa em 1582. de cuja Diocese foy Governador. Destes lugares Ecclesiasticos passou a exercitar os Seculares de Dezembargador da Casa da Suplicaçaõ, e ultimamente de Dezembargador do Paço a cuja memoria dedica hum grande Elogio feu Primo o Doutor Agostinho Barbosa *De Potest. Episcop.* Part. 1. Tit. 3. cap. 8. que finaliza com estas palavras *Ut quot nostræ Lusitaniæ sunt partes, totidem faceret monumenta virtutis suæ, cujus immatura mors maximum nobis reliquit sui desiderium.* Escreveo doura, e nervosamente

Allegaçaõ a favor da Senhora D. Catharina Duqueza de Bragança sobre a successã do Reyuo de Portugal. M. S.

FRANCISCO REBELLO HO-MEM Dezembargador, e Vereador do Senado da Camera de Lisboa taõ perito na Jurisprudencia Cesarea como nos preceitos da Oratoria. Para congratular em nome da Cidade de Lisboa ao Serenissimo D. Joaõ o IV. na occasiã que nella entrava acclamado por Soberano da Monarchia Portugueza recitou

Practica a ElRey D. Joaõ o IV. quando depois de acclamado, e jurado foy à Sè em 15. de Dezembro de 1640. dar graças a Deos. Sahio impressa no *Auto do Levantamento, e Juramento,* que se fez ao dito Rey. Lisboa por Antonio Alvres. 1641. fol.

Esta obra, e do Author fazem mençaõ D. Luiz de Menezes *Portug. Rest.* Tom. 1. liv. 3. pag. 114. Birago *Hist. di Portugal.* liv. 3. pag. mihi 276. e Souza *Hist. Geneal. da Casa Real Portug.* Tom. 7. liv. 7. pag. 109.

D. FRANCISCO REBELLO DE LIMA filho de Manoel de Mendanha de Lima, e D. Dionizia Henriques naceo na Villa de Alenquer distante sete legoas de Lisboa, e na Parochia de N. Senhora da Triana recebeu a graça bautismal a 10. de Novembro de 1690. Quando contava a idade de desanove annos entrou na Religiaõ dos Clerigos Regulares de S. Caetano cujo sagrado Instituto professou a 15. de Março de 1710. onde depois de estudar as sciencias escholasticas se dedicou com mayor disvello, a que o inclinava o genio, ao ministerio do Pulpito de que tem publicado as seguintes produçoens.

Sermaõ de Nossa Senhora da Divina Providencia prègado na sua propria Igreja na segunda Dominga post Epiphaniã dia em que o Clero reza do Santissimo Nome de JESUS em 20. de Janeiro de 1726. Lisboa na Patriarchal Officina da Musica 1727. 4.

Sermaõ da Quarta feira de Cinza prègado na Santa Igreja Patriarchal. Lisboa por Jozè Antonio da Sylva. 1729. 4.

Sermaõ da Payxaõ de N. Senhor JESUS Christo prègado na Casa de N. Senhora da Divina Providencia no anno de 1732. Lisboa por Antonio Isidoro da Fonseca. 1736. 4.

P. FRANCISCO RANGEL natural da Cidade do Porto onde educado virtuosamente por seus Pays Marcos Lopes, e Monica Rangel elegeo abraçar o Instituto da Companhia de JESUS em o Noviciado de Lisboa a 10. de Janeiro de 1629. em cujo anno partio para a India, e depois de obrar muitas acçoens na cultura Evangelica passou a Macao a lograr o premio dellas a 28. de Fevereiro de 1660. Escreveo

Carta para o P. Provincial de Portugal escrita de Macassar a 14. de Abril de 1644. em que se refere o martyrio de cinco Religiosos, e se contaõ outros casos memoraveis. Lisboa por Domingos Lopes Rozza. 1645. 4.

Fazem memoria desta Carta o Licenciado Jorge Cardoso *Agiolog. Lusit.* Tom. 2. pag. 152. letr. I. e o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leão Tom. 1. Tit. 4. col. 81.

FRANCISCO DO REGO natural da Aldeya de Naulã em a Ilha de Goa Cabeça do Imperio Oriental Portuguez, filho de Nicolão do Rego, e Angela Rodrigues. Das letras humanas passou a estudar as sagradas, sabindo profundamente douto em Theologia Escholastica, e Moral, e Licenciado em ambos os Direitos, merecendo pela sua grande litteratura ser Prothonotario Apostolico, Promotor fiscal do Ecclesiastico, e Procurador da Mitra primacial de Goa em que foy provido pelo Illustrissimo Arcebispo D. Fr. Antonio Brandaõ. Não foy inferior o seu talento para o Pulpito, como tambem para a metrificacão assim Latina, como Portugueza. Sendo Vigario Collado da Igreja de S. Braz passou para a de Santa Anna onde fundou o Templo, que hoje existe que he certamente dos mais sumptuosos, que tem a Cidade de Goa. Compoz

Tratado Apologetico contra varias calumnias impostas pela malevolencia contra a sua Nação Bracmana. M. S. 4. Não chegou a imprimir esta obra impedido pela morte em o anno de 1686. quando contava 51. de idade.

Comedias varias. M. S.

Fr. FRANCISCO DOS REYS nasceu em Lisboa de Pays nobres, e opulentos. Ainda não contava doze annos de idade como estivesse suficientemente instruido com os preceitos da lingua Latina frequentou a Universidade de Coimbra estudando Direito Cefareo, onde alcançou distinto nome pela agudeza do talento com que penetrava as mayores dificultades, porém penetrado do desengano das vaidades mundanas antepoz ao applauso, que lhe resultava da sua sciencia o silencio do Claustro da reformada Provincia da Arrabida à qual foy admitido em o Convento de S. Jozè de Riba-Mar pelo Provincial Fr. Francisco de Santo Antonio. Tantos foraõ os progressos, que fez na observancia do seu Instituto, que foy eleito Presidente, e Mestre dos Novicos, de cuja vigilante cultura frutificaraõ muitos para beneficio da Religião. Ainda que com repetidas disciplinas, e asperos cilicios macerava o corpo, eraõ continuas as batarias com que o inimigo commum queria render o seu espirito aos incentivos da carne de cujas sugestions triunfava com os auxilios da Divina Graça. Muitas vezes foy visto alienado dos sentidos buscando extatico o centro das suas amorosas delicias. Atraídas muitas almas da suavidade, que respiravaõ as suas virtudes o elegiaõ para director das suas consciencias entre os quaes se distinguiraõ D. Pedro de Lancastro, que depois foy Duque de Aveiro, e Inquisidor Geral, e a Excellentissima Senhora D. Anna Maria Manrique de Lara Duquesa de Torres Novas. Cinco vezes exercitou o lugar de Guardiaõ do Convento da Arrabida em cujo governo uzando sempre de prudente afabilidade fez observar exactamente a disciplina regular. Depois de tolerar com heroica paciencia huma enfermidade pelo espaço de tres mezes em que todos os dias comungava das mãos de seu amado Discipulo, e Noviço Fr. Alvaro da Conceição entre devotos colloquios com Christo Crucificado espirou placidamente na Enfermaria de Setubal a 24. de Mayo de 1645. quando contava 75. annos de idade, e 60. de Religião. Foy depositado na Parochial Igreja da Anunciada cujo corpo estava

rava cuberto de flores, e na mão tinha huma palma, que symbolizava o triunfo que alcançara do inimigo da pureza virginal onde exposto à veneração do povo, foy acclamado por Varaõ Santo, e o despojaraõ da mayor parte do habito como preciosas reliquias. Deste lugar foy levado ao Convento da Arrabida sendo o Excellentissimo Duque de Aveiro D. Pedro de Lancastro hum dos que conduziraõ o cadaver até à eminencia da Serra onde está situado o Convento. Compoz

Tratado das Excellencias, e praxe da Oraçaõ. Fallando Fr. Jozé de JESUS Maria na *Chron. da Prov. da Arrab.* Part. 2. liv. 1. cap. 28. desta obra diz que não logrando do beneficio da imprensa muitos fogeitos a tresladaraõ dezejosos de se aproveitarem da luz com que os illustravaõ na perfeiçaõ da vida espiritual, que procuravaõ seguir. Faz memoria deste Varaõ Jorge Cardoso *Agiolog. Lusit.* Tom. 3. pag. 391. e 398. no Coment. de 24. de Mayo letr. O.

Fr. FRANCISCO DOS REYS natural da Cidade de Braga Monge da Ordem de S. Bento cuja cogulla vestio no Convento de Tibaens em o anno de 1607. Foy Abbade dos Conventos de Gafey, Porto, e Lisboa, Difinidor, Visitador Geral, e ultimamente Geral da sua Monastica Congregaçaõ. Falleceo em o Convento de Lisboa em o primeiro de Agosto de 1664. Escreveo

Vida do Veneravel P. Fr. Thomaz do Socorro duas vezes Geral da Ordem de S. Bento. M. S. Desta obra como de seu Author faz mençaõ Cardoso *Agiolog. Lusit.* Tom. 3. pag. 539. no Coment. de 4. de Junho letr. H.

Fr. FRANCISCO RIBEIRO natural da Villa de Cantanhede titulo de Condado situada na Provincia da Beira do Bispado de Coimbra. Teve por Pays a Thomé Mendes, e a Maria Ribeira. Professou o Instituto Carmelitano em o Convento da Villa de Collares a 20. de Junho de 1655. Estudou as sciencias severas em o Collegio de Coimbra, onde depois que as dictou com grande applauso da sua sciencia, recebeu na Acade-

mia Conimbricense, a borla de Doutor na Sagrada Theologia, a qual illustrou com o seu Magisterio na Cadeira de Escoto em que foy provido a 22. de Mayo de 1696. e jubilou a 15. de Mayo de 1706. Ao tempo que estava para subir à Cadeira de Prima de Escritura, morreo intepestivamente a 4. de Setembro de 1712. Foy Qualificador do Santo Officio, Rector do Collegio de Coimbra, Difinidor da Provincia, Provincial eleito a 22. de Setembro de 1700. e ultimamente Commissario e Visitador Geral. Foy hum dos grandes Theologos, que venerou o seu tempo deixando escrito.

Commentaria in Magistrum Sententiarum. M. S. fol 3. Tom. *Obra Utilissima para as liçoens de Ponto* como escreve Fr. Manoel de Sa *Memor. dos Escrit. do Carm. da Prov. de Portug.* pag. 164.

Tractatus Theologici. fol. 3. Tom. M. S.

Estes 6. volumes se conservaõ no Collegio do Carmo de Coimbra.

P. FRANCISCO RIBEIRO Naceo em a Cidade de Evora onde teve por Pays a Manoel Nunes e Jzabel Francisca. Em o Noviciado da sua Patria recebeu a Roupeta da Companhia de JESUS a 10. Fevereiro de 1668. e depois de aprender as letras humanas, e as sciencias escholasticas dictou na Academia Eborense Humanidades, Filosofia, Escritura, e Theologia Moral até ser graduado Doutor em 2. de Julho de 1696. Governou com prudencia os Collegios de Braga, e de Coimbra em cujo governo depois de tolerar acerbissimas dores causadas de huma chaga passou ao descanso eterno a 14. de Julho de 1715. Escreveo doutissimas obras assim Filosoficas, como Theologicas das quaes nunca permitio se publicasse alguma, e para que não ficasse totalmente sepultada a memoria do seu grande talento fez publica pelo beneficio da impressaõ hum seu discipulo a seguinte obra.

Lucubrationes Philosophicæ ad libros Aristotelis de ortu, & interitu, sive Tractatus de generatione, & corruptione. Eboræ ex Typographia Academix. 1723. 4.

Da obra, e do Author se lembra o Padre Francisco da Fonseca Evor. *Glorios.* pag. 431.

Fr. FRANCISCO DA ROCHA natural de Lisboa, e Religioso Professo da Ordem da Santissima Trindade à qual servio de ornato pela profunda intelligencia que teve da armonica Faculdade da Musica. Taes foraõ os progressos, que a sua penetrante comprehensãõ, e engenhosa subtileza fez nesta Arte, que com admiraçãõ dos seus mais celebres professores, quando contava a tenra idade de onze annos compoz huma Missa a 7. vozes sobre as vozes *Sol, fa, mi, re, ut* Entre todos os Corifeos da Arte Musica venerou como insigne a Joaõ Soares Rebello imitando com taõ escrupulosa exaçãõ as ideas de taõ famigerado Mestre, que pareciaõ as suas composicoeus eccos sonoros das vozes de Rebello. Falleceo no Convento patrio a 12. de Janeiro de 1720. quando excedia a idade de 80. annos. Compoz

- Missa a 4. das quatro Domingas da Quaresma.*
- Traçto da quarta feira de Cinza. a 4.*
- Mottete para o mesmo dia. a 4.*
- Traçto, e Motete da primeira Quinta feira. a 4.*
- Traçto, e Motete da primeira Dominga. a 4.*
- Traçto, e Motete para a Dominga de Ramos. a 4.*
- Traçto, e Motete para a Terça feira da Semana Santa. a 4.*
- Traçto, e Motete para Quarta feira de Trevas. a 4.*
- Traçto, e Motete para a Sexta feira Mayor. a 4.*
- Motete a 6. para a Adoraçãõ da Cruz.*

Todas estas obras foraõ compostas no anno de 1690. e estaõ em hum livro escritas pelo Author, que conserva em seu poder o P. Joaõ da Sylva de Moraes, Mestre da Basílica de Santa Maria de quem faremos memoria em seu lugar, como tambem outro da letra original do Author que consta de Psalmos de Estante de 4. vozes, que saõ os seguintes

Dixit Dominus

Confitebor Tibi

Beatus Vir.

Laudate pueri.

Laudate Dominum.

In exitu Israel de Aegypto

Credidi propter quod locutus sum

Beati omnes.

Magnificat.

Te Lucis ante Terminum.

Alem destas obras comprehendidas nestes dous Tomos. Compoz

Missa a 8. vozes de 8. Tom.

Missa a 8. vozes de 7. Tom. sobre a liçãõ dos Defuntos Spiritus meus composta por Rebello

Missa a 8. de 6. tom.

Missa a 8. de 6. tom.

Missa a 8. de 7. tom.

Missa a 7. de 8. Tom.

Dixit Dominus a 8. de 5. tom. Outro a 8. de 1. tom. Outro a 8. de 4. tom. Outro a 8. de 7. tom.

Laudate Dominum a 8. de 7. tom. Outro a 8. de 6. tom. Outro a 8. de 7. tom.

Laudate pueri Dominum. a 4. 5. baixõ Outro a 8. 5. tom.

Confitebor a 8. de 7. tom. Outro a 8. de 8. tom. Outro a 4. de 5. tom.

Lætatus sum a 8. de 8. tom. Outro a 8. de 8. tom.

Beatus Vir a 8. de 8. tom. Outro a 8. de 7. tom.

Lauda Jerusalem a 8. de 8. tom.

Nisi Dominus. a 8. de 4. tom.

Magnificat a 8. de 7. tom. Outra a 8. de 6. tom.

Te Deum Laudamus. a 8.

Tantum ergo Sacramentum a 4. Outro a 4.

O Salutaris Hostia. a 4. de 6. tom.

Lacrimosa dies illa a 4. Motete dos Defuntos. Todas estas obras se conservaõ escritas da propria mão do Author em poder do P. M. Joaõ da Sylva de Moraes.

Os Textos das Paixoens da Dominga de Ramos, Terça, Quarta, e Sexta feira da Semana Santa a 4.

Diversos Vilhancicos a 8. 6. e 4. e muitos Tonos Castelhanos a 4.

P. FRANCISCO RODRIGUES naceo em a Villa de Odemira titulo antigamente de Condado em a Provincia do Alentejo sendo filho de Francisco Rodrigues, e Helena Jorge. Estudou em a Universidade de Salamanca hum, e outro Direito em que foy laureado com as insignias doutoraes. Atrahido do instituto que professavaõ os Padres Jesuitas veyo a Coimbra para se alistar na sua Companhia, e posto que era aleijado de ambos os pès naõ atendendo o P. Mestre Simaõ a este defeito, mas ao seu profundo talento ornado de tantas sciencias o admitio a 8. de Abril de 1548. Para desempenhar o conceito que da sua pessoa formara a Religiaõ foy hum dos primeiros Mestres, que teve o Collegio de Santo Antaõ de Lisboa lendo duas Cadeiras, huma de Mathematica, e outra de Theologia Moral concorrendo a esta quatrocentos ouvintes. Inflamado no zelo da conversãõ da gentildade Oriental suplicou com repetidas instancias aos Superiores lhe concedessem facultade para taõ santa empreza da qual naõ recebendo o dezejado despacho recorreo a Santo Ignacio, que superiormente illustrado naõ sómente lha concedeo, mas mandou Patente para ser Reytor do Collegio de S. Paulo de Goa, e como fosse estranhada esta eleiçaõ pelo manifesto defeito que tinha, respondeo judiciosamente o Santo Patriarcha, que os Reytos naõ governavaõ com os pès, se naõ com a cabeça. Partio em a Nãõ Garça com o V. P. Gonçalo da Sylveira, e o Patriarcha Joaõ Nunes Barreto a 30. de Março de 1556. e ferrou a barra de Goa a 4. de Setembro onde tomando posse do Reytorado se applicou com incansavel disvelo à reforma dos costumes pregando pelas Praças, e a total extinçaõ da idolatria para cujo fim disputava continuamente com os Mestres das suas seytas traduzindo na lingua Portugueza os livros de Gita Veaco venerados como escrituras Canonicas pela credulidade daquelles barbaros de que se seguiraõ multiplicadas vitorias da ley Evangelica confundindo os Letrados do Instoitan, convertendo o celebre Bramane Saneaxi de Angediva, e bautizando a filha del Rey Meale. Para aniquilar os Pagodes de

Salfete foy o principal instrumento das leys, que promulgaraõ Francisco Barreto, e D. Antaõ de Noronha. De hum só lanço recolheo nas redes do Evangelho a duzentas familias de pescadores. Assistio como Theologo, e Canonista no Concilio primeiro celebrado em Goa no anno de 1567. sendo hum dos principaes Letrados, que concorreraõ para a decisaõ dos seus decretos. Ultimamente consumidos de setete annos em beneficio das almas, e gloria do Creador passou em o Collegio de S. Paulo de Goa a lograr o premio dos seus apostolicos trabalhos a 17. de Setembro de 1573. com 60. annos de idade, e 26. de Companhia. Foy geralmente sentida a sua morte, e com mayor excessõ pelos moradores de Goa, que o veneravaõ como amantissimo Pay. Fazem delle illustre memoria *Hist. Societ. Part. 4. lib. 1. n. 48. e 133. inter primos fidei Insule Goæ Authores meritò numeratur. Godinho de rebus Abyssin. lib. 2. cap. 20. Vir fuit notæ apud omnes probitatis, & prudentiæ laude clarus. Telles Chron. da Compan. de Jes. da Prov. de Portug. Part. 1. liv. 2. cap. 26. n. 5. hum dos mais importantes sogeitos, que deu esta Provincia em letras, e em exemplo, o qual naõ tendo pès para poder andar, teve animo para navegar pelos mares a quem parece, que serviraõ as moletas pezadas de azas ligeiras com que voou ao Oriente, e Part. 2. liv. 4. cap. 4. n. 8. Varaõ de muita doutrina, prudencia, e governo, e liv. 6. cap. 35. n. 3. Varaõ insigne assim pelos singulares ornamentos daquella ditosa alma, como pelas grandes letras de que foy dotado, era excellente Mathematico, e sabia muy bem a Theologia Especulativa, e Moral, e foy douto nos Sagrados Canones. Cardoso Agiol. Lusit. Tom. 1. pag. 92. sogeito raro em sciencias, e virtudes. Souza Orient. Conquist. Part. 2. Conq. 1. Divis. 1. q. 57. Era Prègador de fama, excellente Theologo, e Mathematico. Franco Imag. da Virtud. do Nov. de Coimb. Tom. 1. liv. 3. cap. 32. e 33. e no Ann. Glor. S. J. in Lusit. pag. 530. rarum ad scientias ingenium excoluit Salmanticæ, & Conimbricæ. Escreveo*

Carta escrita de Goa a 2. de Dezembro de 1556. aos Padres da Provincia de Portu-

Portugal em que relata a sua jornada, e dos serviços que a Deos nella se fizeram. Consta de 10. paginas cujo original se conserva na Casa Professa de S. Roque desta Corte. Parte della imprimio o P. Franco na *Imag. do Colleg. de Coimb.* Tom. 1. liv. 3. cap. 32. §. 9. 17. e 18. Sahio vertida em Italiano com outras Venetia por Tramezzino 1559. 8.

Carta escrita de Goa a 12. de Dezembro de 1557. em que refere o estado espiritual de Goa, e a conversão da filha del Rey de Meale. Sahio traduzida em Italiano com outras. Venetia pelo mesmo Impresor. 1559. 8.

Carta ao P. Leão Henriques Reitor do Collegio de Evora escrita de Goa a 5. de Dezembro de 1560. Desta carta transcreveo parte o P. Franco no lugar affima citado cap. 33. §. 1.

Juizo sobre o eclipse da Lua, que se vio em Goa a 28. de Outubro de 1566. o qual durou tres horas e meya. M. S.

Tratado dos contratos particulares da India, e sobre os fóros, e costumes das Aldeyas do Norte. M. S. Cuido (saõ palavras do P. Francisco de Sousa Orient. Conq. Part. 2. Conq. 1. divis. 1. §. 58. fallando desta obra) que ainda hoje perseveraõ algumas reliquias dos seus escritos.

P. FRANCISCO RODRIGUES naceo na Villa de Montemor o Velho em o Bispado de Coimbra, e entrou na Companhia de JESUS em o Collegio de Coimbra a 17. de Novembro de 1608. Depois de ensinar letras humanas, Filosofia, e Theologia Moral, foy Procurador da Provincia Lusitana em a Corte de Madrid em que deixou memoria do seu talento. Restituído ao Reyno governou os Collegios de Faro, e de Braga; onde falleceo a 26. de Mayo de 1654. Delle se lembra Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter.* lit. F. n. 64. e Franco *Imag. da Virtud. do Colleg. de Coimbra.* Tom. 2. pag. 618. Compoz quando assistio em Madrid

Cathalogo dos Religiosos da Companhia de JESUS, que foraõ martyrizados, e mortos no Japão pela Fè de Christo em os annos de 1632. e 1633. Dedicado ao Nuncio Campegio. Madrid por Andre Tom. II.

de la Parra 1633. fol. Sahio vertido em Italiano. Roma por Francisco Corbelletti 1646. 8. E em Latim Antuerpiæ per Joannem Meursium. 1636. 12. Desta obra como do Author se lembra o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Ant. de Leão Tom. 1. Tit. 8. col. 373.

Carta escrita de Saõfins sobre os successos da guerra da Provincia da Beira. Sahio impressa na *Relação do que obrou Rodrigo Pereira Sotto-Mayor Capitão, e Alcayde mór da Villa de Caminha, e Valadares no tempo da Acclamação.* Lisboa por Lourenço de Anveres. 1641. 4.

FRANCISCO RODRIGUES CASSAM naceo no anno de 1614. no Concelho de Saõfins distante seis legoas para o Poente da Cidade de Lamego em a Provincia da Beira sendo decimo, e ultimo filho, que pario sua Mãy quando contava cincoenta annos de idade. A natureza, que na sua produçãõ excedeo o termo da fecundidade, se singularizou no talento, que lhe deo ornando-o de juizo perspicaz, comprehensãõ summa, e memoria tenacissima cujos dotes o constituiraõ em a Universidade de Coimbra hum dos mayores Professores da Medicina, que venerou o seu tempo em cuja Faculdade recebeu a borla Doutoral, naõ sendo menos estimavel pela noticia, que tinha das letras humanas, Oratoria, Poetica, estudo da Historia Sagrada, e Profana, *intelligente, e versado* (como delles escreve o Licenciado Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 396. letra A.) *nas Antiguidades deste Reyno, e fora delles, e Fr. Ant. Brandaõ no Prolog. da Terceir. Part. da Mon. Lusit. Grande Medico, e Mathematico de grande noticia, e applicaçãõ nas Historias.* Juntou huma numerosa Livraria composta de todas as sciencias onde no tempo, que lhe restava da vizita dos enfermos o consumia na liçãõ de varias noticias para illustrar as suas doudas composiçoens. Morreo na Cidade de Coimbra, quando contava a provecta idade de noventa annos. Compoz

Investiva contra o Tabaco, em que mostrava com fundamentos solidos ser peçonha fina, e peste encuberta. Este Tratado trouxe a Lisboa para o im

do no anno de 1663. foy chamado para curar o Serenissimo Infante D. Pedro.

Tratado em que provava que os Campos Elyfios estiveraõ em Coimbra junto ao Mõdego. Desta obra faz mençaõ Fr. Antonio da Purificaçaõ no *Prolog. à 1. Part. da Chron. de Santo Agostinho da Prov. de Portug.* cap. 5. onde affirma, que seu Author a quem intitula *Medico peritissimo* lha cõmunicara estando já prompta para a Impressãõ.

FRANCISCO RODRIGUES DE CARVALHO filho de Belchior Rodrigues Vedor da Fazenda do Duque de Bragança D. Joaõ, natural de Villa Viçosa, Licenciado em os Sagrados Canones, e Mestre Escola na Collegiada de Barcellos. Foy insigne Poeta de cuja veyta estaõ no *Parnasso de Villa Viçosa* de Francisco de Moraes Sardinha liv. 3.

Dous Sonetos, e huma Cançaõ.

FRANCISCO RODRIGUES CHEIROSO natural de Borba em a Provincia Translagana, e descendente das familias mais nobres desta Villa. Foy instruido em todas as Artes liberaes principalmente muito versado na liçaõ da Historia Sagrada, e Profana de que saõ claras testemunhas as obras, que deixou escritas dignas certamente da luz publica cujos titulos saõ as seguintes

Espelho de murmuradores illustrado de varia Historia espirital, e politica dividido em duas Partes. Conservava-se o Original na Bibliotheca do Chantre de Evora Manoel Severim de Faria.

Espelho de bem criados, e discursos varios sobre a criaçaõ dos filhos para perfeiçaõ dos seus bons costumes.

Penfil de Sabios. Faz mençaõ desta obra em varios Capitulos da primeira Parte do *Espelho de Murmuradores.*

Confusaõ de Necios no qual particularmente descreve os defeitos, e danos da ignorancia, e proveitos da Sabedoria. Desta obra se lembra no Prologo da segunda Parte do *Espelho de murmuradores.*

Descripçaõ das Artes liberaes.

FRANCISCO RODRIGUES Lobo natural da Cidade de Leiria, on-

de teve por progenitores a André Lázaro Lobo, e D. Joanna de Brito Gaviãõ igualmente nobres, e opulentos. Foy hum dos mais canoros Cisnes do Parnaso Portuguez, entre os quaes se distinguio com ventagem conhecida em a metrificaçãõ das Eglogas em que a sua Musa representou taõ naturalmente a candura pastoril, que parece se estaõ ouvindo as vozes dos rusticos, e vendo a fertil a menidade dos campos, como a diafana corrente dos rios. A sua vasta erudiçaõ aprendida nas escolas, e nos livros lhe eternizaraõ o nome em a posteridade, ou fosse discorrendo como experimentado Politico, ou doutrinando como Filosofo Moral. Merecendo administrar os lugares mais honorificos para que o habilitavaõ a nobreza do nascimento, e profundidade do talento, sempre viveo retirado da Corte, como quem conhecia ser o seu clima pouco favoravel aos cultores das sciencias. Ao tempo que passava de Santarem para Lisboa embarcado perdeu a vida naufragãte em o Tejo digna certamente de fim mais glorioso, cujo cadaver sahindo à praya, foy honorificamente sepultado na Capella das Queimadas situada no Claustro de S. Francisco da Cidade. Hum discreto engenho lhe poz o seguinte Epitafio neste Apostrophe ao Tejo

Si piedoso supiste enternecerte

O' Tajo de Loreno al canto triste;

Quando en tus aguas perecer le viste

Como nõ te movio su amarga suerte?

Si en gratificacion de ennoblecerte

Pomposa tumba de cristal le diste;

Quanto en su vida celebre viviste

Vivirás infamado por su muerte.

A quien en sus escritos te dilata

Vida gloriosa tu el vivir limitas;

Infame vive quien ingrato mata:

Mas noble buevas lo que infausto quitas

Que son tus olas laminas de plata

Dò sus memorias viviran escritas.

Os mais celebres Poetas exaltaraõ com elegantes elogios o seu nome, como saõ Lopo da Vega Carpio *Lavrel de Apolo.* Sylv. 3.

Y à Lobo que defende

A corderillos nuevos

Que presumen de Febos

La entrada del Parnaso;

II. mo. Y con

Y con razon pues tiene al primer passo
 Y en las Riberas del ameno Rio
 Aquellas dos floridas Primaveras
 Que nunca las podrá vencer Estio, &c.
 Manoel de Faria, e Souza Fuente de A-

ganip. Part. 2. Poem. 3. Estanc. 60.
 Entre rebaños de torcidos cuernos
 Las humildes y rusticas avenas
 Suenen con propiedad, que el Pindo
 estima

Lobo en el Lis, Bernardes en el Lima.
 Antonio Figueira Duraõ Laur. Parnas.
 Ram. 2.

Hunc urbana Lupum decorat facundia
 tantum,

Tantusque aspergit singula verba
 lepos

Ut si ipsos superos audiret musa ca-
 nentes

Istius alloquium crederet esse Lupi.

E mais abaixo

Non illam effigiem taciturna silentia
 ledent

Quando quidem de me tantum Francis-
 ce mereris

Quamquam alii melius lachrymantia
 dysticha fundant

Dulcius arma, viros, atque horrida præ-
 lia cantent

Tu fari urbano eloquio Francisce me-
 mento

Indicat ecce tuos inscriptio docta le-
 pores.

P. Ant. dos Reys Enthuf. Poet. n. 7.

Tuque Lupe insontum quondam cele-
 brator amorum

Quà tenues rivi Lis, Lenaque flumina
 ducunt

Laurea pro meritis ab Appolline ferta
 tulisti.

Naõ são menores os applausos dos Escri-
 tores com que celebraraõ a sua memoria.
 Lourenço Gracian Criticon Part. 3. Crise
 12. Este si, que será eterno y mostrò un li-
 bro pequeño, miradle y leedle que es la
 Corte en Aldea del Portuguez Lobo.
 Macedo Flor. de Espan. cap. 8. Excel. 7.
 En todas sus obras mostrò mucha habilidad.
 e cap. 22. excel. 6. En la blandura de las
 Eglogas Francisco Rodrigues Lobo. Fa-
 ria, e Souza Vida de Camoens impressa no
 principio do Coment. das Lusiad. 2. 24.
 Poeta natural, y dulce se hizo entrada en

Tom. II.

el Parnaso no aviendo escrito pocos Versos
 mayores con los pequeños y singularmente
 las Eglogas dignas de toda estima. e na 4.
 part. da Fuent. de Aganip. Disc. das E-
 glog. n. 15. Escriviò muchas Eglogas
 y en aquel modo rustico es el mejor de Es-
 paña. e n. 17. Llegando a la propiedad
 con que deven hablar personas del Campo
 Theocrito es superior, y con ventaja Fran-
 cisco Rodrigues Lobo Joan. Soar. de Brito
 Theat. Lusit. Litter. lit. F. n. 65. popu-
 lari eloquentia, facilitateque in carminibus
 Lusitanis pangendis multò commendatior.
 Nicol. Ant. Bib. Hisp. Tom. 1. pag. 357.
 col. 2. amæno ingenio vir, & Musarum
 operi quasi natus. D. Francisco Manoel
 Cart. dos AA. Portug. de veyá abundan-
 te, e felicissima. (Fr. Manoel da Espe-
 rança Hist. Seraf. da Prov. de Portug.
 Part. 1. liv. 2. cap. 23. 2. 3. Morreo aso-
 gado no Tejo depois de aver bebido na fon-
 te das Musas o espirito poetico. Com-
 poz

Corte na Aldeya, e noutes de inver-
 no. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1630.
 4. Foy traduzida em Castelhana por
 Joaõ Bautista Morales. Montilla. 1632.
 8.

Primavera, primeira Parte. Lisboa
 por Jorge Rodrigues. 1601. 4. Dedicada
 a D. Juliana de Lara Condeça de Ode-
 mira, & ibi por Antonio Alvares 1619. 4.
 & ibi por Lourenço Craesbeeck. 1633.
 16. & ibi por Pedro Craesbeeck. 1635.
 32. & ibi por Antonio Alvares. 1650. 8.
 Foy traduzida em Castelhana por Joaõ
 Bautista Morales. Montilla 1629. 8.

Pastor Peregrino segunda Parte da Pri-
 mavera. Lisboa por Pedro Crasbeeck.
 1608. 4. & ibi por Antonio Alvares 1618.
 4. e 1651. 8.

O Desenganado. Terceira Parte da
 Primavera. Lisboa por Pedro Crasbeeck.
 1614. 4.

O Condestabre de Portugal D. Nuno
 Alvares Pereira. Offerecido ao Duque D.
 Theodosio segundo deste nome Duque de
 Bragança, e de Barcellos. Lisboa por
 Pedro Crasbeeck. 1610. 4. & ibi por
 Jorge Rodrigues 1627. 4. Poema heroico
 que consta de 20. cantos.

Eglogas pastoris. Lisboa por Pedro
 Crasbeeck. 1605. 4.